DE JOVE A FUKUSHIMA 15

Em maio chega o 32º aniversário das mobilizaçons contra a central de Jove, batismo dum movimento antinuclear autóctone e nacionalista, que continuaria, depois, com a luita contra os vertidos radioativos na fossa atlántica.

CANDIDATURAS SOBERANISTAS 7

As candidaturas promovidas polo independentismo som já oficiais. Ensaiarám as suas forças em Vigo, Compostela, Cangas, Nigrám, Ames, Redondela, Mugardos, Minho, Porrinho, Redondela, Ponte Areias e Salvaterra de Minho.

"A mobilizaçom permanente é a única soluçom possível à situaçom que nos impom o capitalismo"

RICARDO CASTRO, Secretário Geral da Central Unitária de Trabalhadores/as / Pág.6

NÚMERO 101 | 15 DE ABRIL A 15 DE MAIO DE 2011 | 1,20 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

HOMENS DE CONFIANÇA DE PÉREZ VARELA SOM OS BENEFICIÁRIOS

Empresa do PP fai as bases de concursos que ganha

A empresa de novas tecnologias Plexus, ligada a exaltos cargos do Partido Popular, recebe do Governo de Alberto Núñez Feijóo um tratamento privilegiado que lhe permite redigir à sua medida as 'bases técnicas de contrataçom' de concursos públicos aos que logo concorre e ganha. Ao pouco da mudança de governo, esta empresa saltava à polémica por ter começado o desenho da página web do Jacobeu 2010 antes de ser publicado o concurso correspondente. Desde o passado ano, o Grupo Plexus Tech SL que preside Antonio Agrasar Cascallar conseguiu em concesons públicas mais de quatro milhons de euros, em muitos dos casos pola via da contrataçom direta. Além disto, a companhia praticou a repressom sindical contra aquelas trabalhadoras e trabalhadores que tencionárom elaborar umha listagem da CIG. / PÁG. 20

"Isto nom é mais que o começo"

A Casa das Atochas prepara mobilizaçom após o despejo policial a que fôrom submetidos. A promotora Pérez Paz SL poderia proceder ao derrube iminente do centro social / PÁG.04

EMPRESAS ACAPARAM O PODER EM MOÇAMBIQUE

Junta ampara práticas coloniais da Pescanova

Apoiada fortemente polos governos autonómico e espanhol, a Pescanova leva décadas a dominar o setor da pesca em Moçambique, através da sua filial Pescamar, que em 1980 se fazia com 43 por cento da sociedade estatal Emopesca. Figura central da trama é Afonso Paz-Andrade, conselheiro do grupo pesqueiro e nomeado presidente de Xornal de Galicia SA no mês de fevereiro. Justo nesse mês o Grupo San José, proprietário do periódico, conseguia contratos milionários em obras públicas no pais africano, assim como licença para umha urbanizaçom de 600 hectares e um complexo turístico perto de Maputo. / PÁG. 17

MOBILIZAÇONS EM PORTUGAL

O valor reivindicativo da 'Geração à rasca'

A meados do passado mês de março umha ampla representaçom da juventude portuguesa saiu à rua chamada polo Manifesto da Geração à rasca. Animada polas intervençons do grupo de humoristas Homens da Luta, dedicados a fazer boicotes aos políticos para um programa televisivo, e mais polo sucesso da cançom *Parva que eu sou* do grupo Deolinda. Este movimento criou-se à margem das clássicas organizaçons partidárias, introduzindo em setores das classes medias a possibilidade dumha soluçom de esquerda à crise. / PÁG. 14

OPINIOM

COM SOBERANIA PODEMOS PARAR O CAPITAL por Sabela Iglesias / 3

BANCO DE PROVAS MIGRANTE por J.A. Brandariz / 3

DE HARNECKER A ROSALIA por X.C. Ánsia / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

INÁCIO HERNANDO, MILITANTE NACIONALISTA
Entrevista a um ativista marinhao da década de 70, membro da primeira geraçom do independentismo moderno

VAI GANÂNCIA, NÃO ME DÊS PERDAS
Reflexom ao redor da sabedoria tradicional galega, enfrentada aos desafios do desenvolvimentismo tecnológico de agora

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

SOBERANIA PARA A GALIZA

A independência da Galiza é necessária e é, ao mesmo tempo, impensável se nom se modificar radicalmente o pensamento da maioria dos galegos e galegas. Para isto temos que mudar, primeiro, a conceçom e a prática minifundista das organizaçons e coletivos independentistas.

O imperialismo espanhol está a ganhar terreno no nosso país. Esta é umha realidade que ninguém pode negar. Está-nos a colonizar cultural e politicamente como nos melhores tempos do Franquismo e está a conseguir que os galegos e as galegas nom sintam a Galiza como o seu verdadeiro país. O nosso idioma está-se a perder, as novas geraçons nom o praticam, e o mesmo acontece com os nossos costumes e com a nossa cultura. Entretanto, as organizaçons patrióticas andam a brigar entre elas, em vez de reunir forças e vontades contra o inimigo comum. Dá a impressom de que vivemos de costas ao nosso povo, que nom vivemos os seus problemas e as suas aspiraçons. É importantíssimo que reflitamos, que deixemos de lado as desavenças particulares para, todos juntos, construirmos um futuro esperançador. Nom é suficiente proclamar-se autênticos e genuínos independentistas, há que sê-lo, e a forma de mostrá-lo é que os interesses do povo galego estejam por cima dos interesses particulares e de grupo. O povo (trabalhadores e trabalhadoras, estudantes, mocidade, mulheres, intelectuais...) está confuso e desorientado com tanta sopa de siglas.

A independência vai ser fruto de um progressivo e decisivo entendimento de todas as forças nacionalistas conseqüentes. Nom fica outra. Sem esta premissa nom há futuro e condenaremos o país de por vida às cadeias do imperialismo espanhol.

Agora, mais que nunca, é necessária a independência para o progresso e o desenvolvimento do nosso país. Em caso contrário, vamos sentir com toda a sua crueza as conseqüências da crise capitalista. Em tempos de crise, como a atual, o poder central descarga os seus efeitos sobre as naçons assovalhadas. De facto, já estamos a padecer os seus efeitos: 250.000 desempregados, a indústria está abaixo dos mínimos, o agro abandonado à sua sorte, e da pesca melhor nom falar. Nom investem praticamente nada na nossa terra.

Se nom lhe pugermos remédio, vamo-lo passar mui mal. E nom é justo, pois o nosso país é rico de avondo, é autossuficiente, tem gado, agricultura, riqueza pesqueira, indústria com umha potencialidade incrível: a indústria naval e a automobilística é das mais reputadas a nível mundial, contando com umha mao de obra das mais qualificadas. O mesmo podemos dizer do setor têxtil e conserveiro. Porém, viajamos no último vagom por causa da nossa dependência de Espanha. Espanha é a ruína da Galiza.

Telmo Varela Fernández
Sindicalista preso na Lama

ENERGIA QUE MOVE O MUNDO

A crise responde a um estado múltiplo que atinge os recursos, o ambiente e o capital, tudo isso mal gerido por uma sociedade de rapina e de dinheiro fácil e rápido.

Há um caso grave de crise energética. Necessitamos energia, mas temos que arranjar o como, o quando e o onde do seu fornecimento e da sua aplicação. Se apostarmos no desenvolvimento sustentável, a nossa resposta vai ser, com certeza, de fontes renováveis, ou seja: hidráulica, eólica, solar, ou a partir de biocombustíveis. O problema surge em como vamos tirar a energia dessas fontes e onde é que o vamos fazer. [...]

Para termos energia em grandes quantidades, quer dizer, com potência bastante para produzir um forte trabalho em pouco tempo é necessário fazer um grande investimento em material e em ambiente. As grandes barragens que esganam os rios da Galiza falam disso. As inúmeras ventoinhas que cobrem os nossos montes, sejam estes LICs a proteger ou não, também nos dizem o alto preço que o nosso ambiente está a pagar. [...]

O desenvolvimento sustentável é endógeno ou não é. E previsor de futuro ou não é. É permanente no tempo ou não é. [...]

Mas o que não se pode fazer é continuar presos nas grades das grandes empresas que decidem as políticas industriais e económicas dos países só para os benefícios dos seus acionistas. [...]

Temos que caminhar para a autossuficiência e para a diversificação das fontes. O planeamento tem de ser feito na base de um mundo sem petróleo para estarmos preparados perante as constantes subidas do seu preço e as contingências da falta de fornecimento. [...] Há que quebrar esse trato de favor entre as grandes energéticas e os Estados, como caminho imprescindível para termos autonomia energética.

A energia nuclear, para além do seu perigo inegável, traz também dependência política e económica. A única solução está na poupança e eficiência, na diversificação das fontes, na independência e na autossuficiência energética.

Adela Figueroa Panisse

HUMOR SUSO SANMARTIN

EDITORIAL

A emergência que aí vem

Em mui poucas semanas, os sintomas de colapso deste modelo social pugérom-se perante os nossos olhos. Nem o formato notícia da catástrofe, que situa os acontecimentos mais graves ao pé das banalidades de consumo, deu apagado umha preocupaçom generalizada: nuns dias reaparecia o espetro nuclear em forma de desfeita massiva no Japom, congelando os entusiasmos do lobby energético; umha nova intervençom imperialista, claramente focada a condicionar os rumos das revoltas árabes, voltava a estabelecer a potestade dos de sempre; e aqui entre nós, da outra beira da raia, o FMI impunha aos portugueses o ritmo e os passos obrigados da liquidaçom dos últimos direitos.

A vaga de agressons -diretas ou indiretas, acidentais ou induzidas- ratifica o que temos apontando nos últimos tempos no Novas da Galiza, apoiado aliás em informaçons diversas: entramos num tempo incerto marcado pola concatenaçom de crises (financeira, energética, política...) que multiplica os efeitos destrutivos e eleva ainda mais o nível de incerteza. Nom está em último lugar a crise da consciência, que instala as populaçons europeias num escapismo cúmplice, ou as atenaza na inaçom mais frustrante.

A enormidade do desafio, o sentimento de impotência, ou a simples reticência a racionalizar esta entrada num panorama de regressom e descontrolo pode fazer-nos entender -nom justificar- a paralisia em que ainda vegeta a maioria deste povo. Nada diferente, por outra parte, à atitude que mostrárom muitas outras naçons do mundo em contextos semelhantes, quando o auge do fascismo, os preparativos bélicos ou as *razzias* contra minorias nom alteravam um dia-a-dia de cómoda ignorância.

Porém, e como o exemplo árabe (ou, em menor medida, português) ilustra com as recentes mobilizaçons, a raiva está a fermentar e apenas aguarda oportunidades e formatos acaídos para vir à tona. Milhares de aldragens e passividades tivérom que sobrepor-se antes de a auto-organizaçom eclodir. Se nom acontecer assim, teremos que contentar-nos com que os causantes da doença nos administrem receitas variadas para continuar a roda infernal do seu negócio.

EDITORA
Minho Media S.L.

DIRETOR
Carlos Barros Gonçales

CONSELHO DE REDAÇOM
Carlos Calvo, David Canto, Iván García, Aarón L. Rivas, Antia Rodríguez, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Antom Santos, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas, **Economia:** Aarón L. Rivas, **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei, **Mar:** Afonso Dieste, **Meios:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca, **A Terra Treme:** Daniel R. Cao, **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto, **Dito e Feito:** Olga Romasanta, **A Denúncia:** Iván García, **Cultura:** Antia Rodríguez, **Saúde / Ciência / A Rede:** David Canto, **Desportos:** Antom Santos, Xermán Viluba e Ismael Saborido, **Sexualidade:** Beatriz Santos, **Consumir Menos, Viver Melhor:** Toni Lodeiro, **Agenda:** Irene Cancelas, **A Foto:** Sole Rei, **Terra / Que Foi De...:** Alonso Vidal, **Tempos Modernos / Em Tempos:** Carlos Calvo, **A Galiza Natural:** João Aveledo, **Gastronomia:** Luzia Rgues., **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim, **Criaçom:** Patricia Janeiro e Alonso Vidal, **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro.

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Manuel Pintor, Helena Irímia, Carlos Barros

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Natália Gonçalves, Zélia Garcia

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

LOGÍSTICA
Suso Diz e Daniel R. Cao

IMAGEM CORPORATIVA: Miguel Garcia

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
S. Sanmartin, Pestinho+1, X.L. Hermo, F. Padín

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo S. Maragoto, Fernando V. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (A Revista)

COLABORAM NESTE NÚMERO
Suso Sanmartin, Sabela Iglesias, José A. Brandariz, Eugénio Outeiro, Fernando Arrizado, António Alves, André Rodrigues, Jorge Paços, R.C., Mª Touza, Josefa do Val, Maria Álvares, Hilda Carvalho, Ernesto Vilar, X.C. Ánsia, Mónica Gonçalves, Alberto Lema, Xurxo Chirro

FECHO DE EDIÇOM: 14/04/2011

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Com soberania podemos parar o capital

Sabela Iglesias

O avanço da globalizaçom nom é espontáneo nem alheio. O capital necessita de segurança e uniformidade e obtém isso com a expansom das instituiçons burguesas e do discurso único das grandes empresas e grupos financeiros, apoiados na ditadura dos grupos mediáticos que operam ao serviço do poder económico que os sustenta.

Estamos assim perante um capitalismo globalizado que avança sobre um imenso mercado que é o mundo inteiro e cujos alicerces som, entre outros, a internalizaçom da economia, a transnacionalizaçom da produçom, o livre tráfego de capital, mas nom de pessoas, a exploraçom baseada na propriedade privada e a consolidaçom de organismos internacionais com funçons paraestatais, criados para garantir às empresas transnacionais os instrumentos necessários que lhes permitam gerar um sistema de tributaçom que garanta a abertura das fronteiras para as exportaçons dos países ricos. Organismos como o FMI, o estado-maior dos grandes bancos; o Banco Mundial, que determina as normas para a mobilidade do capital cara aos setores que indicam as corporaçons; a OMC, criada para estabelecer um código de comércio à medida das empresas transnacionais, nom duvidam em adequar legislaçons, mudar territórios, reestruturar mercados... e todo isto assumido com servilismo por governos, grupos políticos e sindicais que operam nos Estados e que som alvanéis ao serviço do império, com umha política mui calculada que se traduz em agressons e desequilíbrios ambientais e sociais, que privilegia o privado e carga a dívida sobre os setores mais desfavorecidos. As rendas altas, os paraísos fiscais ou os gastos militares nom se questionam ao mesmo tempo que se provoca que a fenda entre ricos e pobres se torne mais grande.

> A capacidade para definir as nossas políticas alimentares e energéticas deve estar no nosso poder

O horizonte é o controlo absoluto de todos os recursos de maneira que se tenta eliminar a identidade nacional, particular de cada país. Para isso nom duvidam em acabar com qualquer indício de oposiçom que ponha em causa esta política ou que simplesmente pretenda decidir sobre os recursos próprios. Violência e opressom é o credo: montam guerras 'à carta', promovem leis contra os movimentos dissidentes, ou passam diretamente ao encarceramento de ativistas ou à imposiçom de sançons, e todo isto com a justiça ao seu serviço que lhes garante impunidade.

Um bom exemplo deste modelo económico e social é o modelo territorial que se está a desenvolver no nosso País, um modelo totalmente artificial, carente da análise necessária das necessidades atuais e que avança para a articulaçom de grandes 'áreas metropolitanas'. A corrupta administraçom pública requalifica terrenos a pedido dos promotores, convertendo o país num espaço onde quase todo é urbanizável e ainda por cima constrói infraestruturas despendendo das necessidades destes. Investem no TAV enquanto desmantelam a pouca rede ferroviária que temos. A agricultura, o gado, a pesca e o marisqueio artesanais alimentavam diretamente boa parte da populaçom, criando assim empregos diretos no País, mas hoje, por causa das políticas industrialistas que se estám a impor, cada vez é maior o abandono do mundo rural e a perda de superfície agrária, e o resultado é umha menor capacidade produtiva, escassez de alimentos, bens e serviços, perda de biodiversidade e um maior empobrecimento do país. O resultado é o incremento da precariedade laboral, desigualdades sociais e espoliaçom dos recursos.

Devemos assumir que a capacidade para definir as nossas políticas alimentares e energéticas deve ser nossa, relocalizar a atividade económica e fortalecer e fomentar a produçom e a troca local, expulsando as multinacionais da distribuiçom. Precisamos de umha transformaçom completa das estruturas sociais e políticas de umha perspetiva anticapitalista, ecologista e soberanista, um projeto forte capaz de aglutinar os movimentos sociais, sindicatos, partidos e pessoas individuais que consiga mobilizar a populaçom. Somente partindo da soberania exercida polo povo organizado temos a possibilidade de mudar este modelo depredador e arrebatar o poder ao capital.

Sabela Iglesias é ativista de Verdegaia

Migrantes: banco de provas do futuro

José A. Brandariz

No primeiro decénio do século, a populaçom estrangeira na Galiza tem-se incrementando em 421%, ao mesmo tempo que a autóctone descia em 0,6%, se bem que seja certo que as pessoas migrantes som ainda 3,92% do total (janeiro 2010), e que isso nos situa longe de taxas próprias doutros lugares do Estado, mais próximos das limitadas percentagens do norte de Portugal. Mas nom é menos verdade que a populaçom extracomunitária se aproxima de 5% do censo em Ames, Arteijo, Betanços, Foz, Lugo e Viveiro, supera os 10% em Burela e já está perto dos 4% na Corunha, Ourense e Vigo.

Assim, a paisagem social galega tem-se transformado de forma relevante com a chegada de pessoas migrantes. Face a retóricas xenófobas, tenhem sido responsáveis diretos da solidez do ciclo económico de acumulaçom flexível que durou até 2007, estám a sofrer as conseqüências mais devastadoras da crise presente e, se nalgum momento for possível pôr em andamento um ciclo de acumulaçom semelhante ao anterior, vam ser protagonistas da sua afirmaçom. Mais ainda: como evidenciam os dados demográficos dos dous últimos anos, a continuidade da presença da populaçom migrante é, e será, o melhor indício de que ainda fique futuro além da severa crise económica dos territórios centrais do sistema-mundo.

Em contraste com esta realidade, há que reconhecer que por parte dos movimentos do país apenas se tem refletido quanto a umha intervençom política na matéria, exceto certas práticas sindicais e de agregaçons como o Foro Galego da Imigraçom. Mais mal do que bem, os movimentos na Galiza vivem bastante de costas à realidade migrante.

> Já nom é possível pensar um projeto de transformaçom social e de construçom nacional, sem atender às condiçons de indignidade com as quais tratamos coletivamente a populaçom migrante

É um erro político. Nom cabe cair no pobre discurso da alteridade (nós/eles-elas); como se tem advertido já noutros espaços territoriais, acontece hoje estarmos perante um coletivo que é um banco de provas do futuro, de dinámicas que vam espalhar-se, mais cedo ou mais tarde, polo conjunto de persoas que, por recuperar umha expressom dos anos 70, vivem e trabalham na Galiza.

No que di respeito ao controlo social mais *soft*, a populaçom migrante, reduzida já pola legislaçom vigente a mera força de trabalho, sofre as expressons mais intensas da exploraçom laboral na economia submersa, semisubmersa e precária. Nom obstante, estas formas flexíveis de submetimento produtivo há lustros que estám a expandir-se entre o conjunto da populaçom, até o ponto de privar ao emprego-estável-com-direitos da condiçom hegemónica entre os modelos de inserçom laboral.

Em relaçom ao controlo social mais *hard*, a perseguiçom da populaçom migrante, a aplicaçom com ela de práticas policiais mesmo irregulares ou o recurso massivo a sançons administrativas prefiguram as formas de controlo flexíveis, o relaxamento das garantias e a extensom constante da malha repressiva a amplos segmentos da populaçom que já som moeda comum nas metrópoles europeias.

Quanto à interaçom social, a crescente presença de migrantes permitirá comprovar se a populaçom galega vai conseguir evitar as formas de racismo cultural surgidas em países outrora considerados tolerantes, servindo ao mesmo tempo para relançar retóricas (estato-)nacionais esclerotizadas desde longa data. A recente polémica vivida em Arteijo sobre o uso do *hijab* no colégio é um mal presságio.

Em suma, neste país já nom é possível pensar um projeto de transformaçom social, e de construçom nacional, sem atender às condiçons de extrema indignidade com as quais tratamos coletivamente a populaçom migrante. Exceto que, se quadra por nos acomodarmos na pior das pós-modernidades, assumamos que noçons como direitos humanos, justiça social ou libertaçom nom servem para pensar o futuro.

José A. Brandariz é membro da Associaçom Sem Papéis da Corunha

ACONTECE

RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM PERIGO POLO NOVO CONCURSO

O concurso para as freqüências da FM aberto pola Junta explicita que vam estar destinadas a usos comerciais. “Os meios comunitários ficam fora do acesso” para emitir, assinala a corunhesa Cuac FM, que di que o espetro radioelétrico ficará esgotado.

DERRAME AFETA ENSEADA DE CARANÇA

Um despejo industrial na Ria de Ferrol afetou a enseada de Carança, indica o coletivo Ártabra21, que denuncia que “nom há autoridade que ponha freio a tanta agressom”. O derrame atravessou as duas margens da ria.

Polícia desaloja Casa das Atochas acompanhada polo promotor titular do imóvel

MANIFESTAÇOM CONVOCADA PARA SÁBADO 16 DE ABRIL

NGZ / Agentes da Polícia espanhola procedêrom ao despejo do centro social okupado Casa das Atochas, no bairro corunhês de Monte Alto, no passado dia 12 de março desde as 7,30 horas da manhá. Depois de expulsar as pessoas que dormiam no interior, outras duas conseguiam subir até o telhado para fazerem soar buzinas de alarme e estender umha faixa, ainda que afinal a forte presença policial acabasse por forçar a sua saída.

O promotor que ostenta a titularidade do prédio, Juan Pérez Paz, estivo presente no operativo, acompanhado por dous operários que acabárom por taipar os acessos à casa imediatamente depois de os polícias executarem a ordem judicial de desalojamento.

O tribunal de instruçom número 5 da Corunha emitia a ordem de despejo no dia 23 de março, referendada seis dias depois pola Audiência Provincial corunhesa, que desestimava o recurso apresentado pola defesa do coletivo ativista que mantinha nesta casa um trabalho de mais de três anos.

Concentraçom no Obelisco

Na tarde do mesmo dia okupas e pessoas solidárias concentravam-se perante o Obelisco corunhês em repulsa polo despejo, continuando depois com umha manifestaçom até os muros da já tapiada Casa das Atochas. Um porta-voz do coletivo declarou que “ainda que pareza que todo rematou, isto nom é mais que o princípio”. Criticárom que “os interesses políticos e os mesianismos judiciais, a manipulaçom informativa e o poder do capital levárom a umha demonizaçom dos movimentos sociais e de todo acto contestatário”, polo que chamam à “celebraçom e à desobediência” para que “haja mais Casas das Atochas” num futuro próximo.

No fecho desta ediçom representantes okupas anunciavam a convocatória de umha manifestaçom solidária que partirá do Campo da Lenha no sábado 16 de abril a partir das 18 horas.

HISTÓRICA MARCHA NA CIDADE DAS BURGAS

Ourense acolhe umha grande manifestaçom contra a privatizaçom da saúde

NGZ / A defesa da saúde pública continua a encher as ruas do país. Desta volta, a cidade de Ourense acolheu na tarde do dia 7 milhares de pessoas de toda a comarca que, convocadas pola Plataforma pola Defesa da Sanidade Pública de Ourense, saírom à rua para protestarem contra a privatizaçom do sistema sanitário, por umha atençom digna, e pola criaçom de novas infraestruturas hospitalares. A nível local, a plataforma exige melhorias nos hospitais de Toém e Pinhor, reclamando aliás que continuem as obras do CHOU, paralisadas na atualidade. Os hospitais e centros de saúde de Verim, Val d’Eorras, Riba d’Ávia e Barbadás, assim como os projetos do Couto e O Vinte som outros dos seus objetivos. A manifestaçom foi amplamente secundada, contando com a presença de associaçons vicinais, sindicatos, representantes de cámaras municipais, alguns partidos políticos e setores populares. No dia 14 de abril Ribeira registou novos protestos.

A privatizaçom da água contestada também nas ruas

No passado domingo 20 de março Compostela acolheu fortes protestos contra outra das privatizaçons que a Junta está a tentar empreender nas últimas semanas: a da água. A Plataforma contra a Lei de Águas, que agrupa mais de quinze entidades, convocou umha manifestaçom secundada por vários milhares de pessoas para protestarem contra a privatizaçom de um recurso “tam essencial para a vida como o próprio ar”. No mundo rural, a aprovaçom do anteprojeto foi acolhido com indignaçom, e o SLG chegou a anunciar a insubmissom ao cánone que se pretende implantar para as águas dos poços paroquiais e particulares.

CRONOLOGIA

10.03.2011 / Navantia é condenada a pagar 206.500 euros de indemnizaçom à família de um trabalhador falecido por causa do amianto.

12.03.2011 / Mais de 3.000 pessoas, entre eles trabalhadores de Clesa e Dhul, manifestam-se em Madrid em defesa do emprego e a atividade em Nueva Rumasa.

13.03.2011 / 5.000 pessoas, segundo os convocantes, manifestam-se em Compostela com a CIG e o BNG exigindo soluçons contra a crise.

14.03.2011 / Descobre-se o roubo de dous sinos de bronze, um deles do século XVIII, da igreja de Goás (Abadim).

16.03.2011 / Junta aprova anteprojeto da Lei de Apoio à Família, criticada por feministas.

17.03.2011 / Cámara de Briom desvenda auto do tribunal de Padrom que ratifica a inexistência de razons políticas por detrás dos destroços ocasionados ao carro do vereador do PP Julio Couselo.

18.03.2011 / Trabalhadores da fábrica de Clesa em Caldas de Reis concentram-se em defesa dos seus empregos.

19.03.2011 / Junta Eleitoral Central deteta recenseamentos suspeitos de serem irregulares em 39 concelhos galegos.

20.03.2011 / Vários coletivos realizam homenagem ao guerrilheiro antifranquista ‘o Piloto’ em Belesar (Chantada).

21.03.2011 / Nueva Rumasa apresenta em Ponte Vedra concurso de credores de Clesa.

22.03.2011 / Colégio de Arteijo expedienta a meninha que decidiu levar hiyab às aulas.

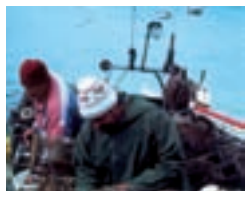
23.03.2011 / T. Supremo emite sentença a favor de Coristanco no litígio de 120 anos entre este concelho e Carvalho por 200 metros de terreno.

24.03.2011 / Confirmada polo Supremo a ordem de demoliçom contra a casa da ex-conselheira Carmen Gallego.

25.03.2011 / Abre-se ao público pola primeira vez o Paço de Meirás.

26.03.2011 / Trabalhadores da Clesa manifestam-se em Com-

BNG RECLAMA COMPETÊNCIAS EXCLUSIVAS NA PESCA



O deputado do BNG Bieito Lobeira reclamou "um novo status político-institucional" em matéria de pesca, considerando intolerável que "Bruxelas nos diga onde temos que pescar". Denuncia a "discriminaçom" dos interesses pesqueiros e apresentará umha proposiçom nom de lei para fortalecer a soberania galega neste ámbito.

CNT CONTRA AS PRIVATIZAÇONS DA JUNTA

A CNT manifestou-se polas ruas de Compostela no dia 26 de março em oposiçom às políticas privatizadoras e as subcontrataçons efetuadas pola Junta para substituir serviços que deveriam ser realizados polo funcionariado ou sair a concurso público. Na marcha participárom pessoas despedidas de diferentes contratas da administraçom.

OUTRO INCÊNDIO DE ORIGENS SEMELHANTES EM OUTEIRO DE REI

Ardem perto de quinhentos hectares por umha queima feita por Meio Rural

NGZ / Os serviços de comunicaçom da Junta tentárom minimizar os efeitos da queima de limpeza que efetuavam operários de Meio Rural em Bande na passada sexta-feira 8 de abril e que acabou por se descontrolar e afetar 430 hectares de superfície, 100 dos quais se correspondêrom com zonas arborizadas e 330 com espaços de monte baixo. No dia anterior outro incêndio com a mesma origem arrasava 40 hectares em Outeiro de Rei.

Se bem que inicialmente a Junta falasse de "mais de 20 hectares" afetados em Bande, nom foi até a meia-noite –com as ediçons da imprensa diária fechadas– quando informárom de que o lume ultrapassava os 300 hectares, área que no dia a seguir continuou a incrementar-se pola falta de efetivos nesta epoca do ano, atingindo também o município de Verea.

Por parte da Junta asseguram ter empreendido umha investigaçom para determinar se houvo algum tipo de negligência por detrás destes fogos. Ambos fôrom realizados em dias de elevadas temperaturas que se somárom à existência de ventos africanos que levárom à Galiza dias típicos de verao em pleno mês de abril.

Tanto os concelhos como as comunidades de montes estám a reclamar responsabilidades.

Brigadistas responsabilizam conselheiro de Meio Rural

Membros das brigadas e representantes da CIG acusam o conselheiro de Meio Rural, Samuel Juárez, da extensom da queima de Bande "por nom ter montado ainda o operativo para a pré-campanha da extinçom de incêndios", em declaraçons do secretário nacional de Serviços da central nacionalista, Paulo Rubido, que julga como "tremendo" que a Junta anuncie umha investigaçom quando na queima inicial estava presente um brigadista da Junta, um técnico agrícola e um capataz.

Em representaçom dos trabalhadores e trabalhadoras, Gerald Lucas Parada assegura que houvo pessoas que deixárom os seus trabalhos aguardando começar a campanha no dia 1 de março. Paulo Rubido assinala que "nom vamos permitir que esta macro ETT chamada Seaga continue a funcionar assim", anunciando mobilizaçons ao longo da campanha eleitoral das municipais.

DELITO ECOLÓGICO EM RIO TORTO

Condenam a louseira que encheu de entulhos o Rio Túria

NGZ / Os proprietários da canteira "Cruz da Cancela" de Rio Torto (Marinha), forom condenados a dous anos de cárcere, e a ano e meio de inabilitaçom por encherem de entulhos a bacia e parte da ribeira do Rio Túria. A louseira nom possuía permisso de exploraçom municipal, um facto que fora denunciado em diversas ocasions ante a Fiscalia pola associaçom ecologista Adega. Os ecologistas também apresentárom umha reclamaçom administrativa ante a Junta, já que a exploraçom, cujos permissos foram concedidos polo Governo de Fraga em 2005, encontra-se situada numha zona que a Lei do Solo de 2002 contempla como de especial proteçom.

Segundo a Audiência provincial de Lugo, o vertido registado no Túria em Abril de 2009 afetou "de jeito negativo a integridade do ecossistema fluvial". Os proprietários da empresa acabárom por admitir os factos, e terám que pagar uns 33 mil euros em conceito de responsabilidade civil.

MEU E LEG SOM AS NOVAS SIGLAS

Novo panorama estudantil depois das cisons dos Comités

NGZ / O movimento estudantil voltou a sofrer novas mudanças. Duas cisons no seio dos Comités dérom nascimento a MEU e, mais recentemente, à Liga Estudantil Galega, que se constituiu no dia 26 de março. Segundo declaraçons de um dos membros da nova organizaçom, a Liga abandonou os Comités considerando existir "falta de democracia interna, já que os planos vinham traçados de antemao por parte do setor da UPG". Este foi o motivo polo qual 165 membros da até entom organizaçom maioritária se cindírom, contando na atualidade com presença em todos os Campus. Já começárom a atividade com charlas e umhas jornadas dedicadas a Neira Vilas.

Por sua vez, o Movimento Estudantil Universitário (MEU) constitui-se no dia 15 de dezembro, alegando os mesmos motivos de falta de democracia interna. Com este novo panorama, a única organizaçom que preserva a sua composiçom tradicional é a independentista Agir, que analisou num comunicado público as cisons do "estudantado autonomista" à luz da "descomposiçom política da matriz", isto é, do BNG.

CRONOLOGIA

postela em defesa dos postos de trabalho disfarçados de vacas e supermans.

27.03.2011 / Rede Feminista manifesta-se contra a concentraçom antiabortista na Corunha.

28.03.2011 / I.P.G., trabalhador de 27 anos, ferido de gravidade depois de cair na fábrica pontesa Biomasa Forestal.

29.03.2011 / Mariscadores de Baralhobre dormem diante do prédio administrativo da Junta para protestarem pola demora no pago da última nómina.

30.03.2011 / Cámara de Cee envia polícia à sede da Rádio Nordés, meio que desvendou informaçom sobre a Operaçom Orquestra, para exigirem licenças de abertura e obra.

31.03.2011 / Alcalde de Ginzo admite que o censo subiu mais de cem pessoas, mas afirma que "cumpre os requisitos".

01.04.2011 / Conselho de ministros confirma nomeamento de Miguel Cortizo como novo delegado do governo espanhol na Galiza.

02.04.2011 / Arquiva-se queixa contra o presidente de Ogrove, José Antonio Cacabelos, do PSdG, por presumível prevaricaçom e tráfico de influências.

03.04.2011 / Cabo da Armada espanhola Javier González Bouzada, guarda civil Javier Ferreiro Vázquez e funcionário da Deputaçom de Ponte Vedra Daniel Meaño Cores, condenados por narcotráfico.

04.04.2011 / Cámara da Corunha pede que a Galiza seja declarada zona nom nuclear.

05.04.2011 / Centristas de Tominho integra-se no PP.

06.04.2011 / Começa greve de dous dias na fábrica da ENCE em Návia. Só os serviços mínimos acodem ao trabalho.

07.04.2011 / Cria-se a Plataforma em Defesa dos Montes do Morraço.

08.04.2011 / Morre F.F.M., vizinho de Caldas, preso debaixo do seu trator em Catoira.

09.04.2011 / Lume controlado por brigadistas da Junta em Bande acaba arrasando 430 hectares.

PROLÍNGUA DEFENDE LEI DE NORMALIZAÇOM

A plataforma em defesa do idioma Prolíngua enviou umha carta aberta ao presidente Núñez Feijóo, solicitando-lhe que nom reforme a Lei de Normalizaçom Lingüística de 1983. Julgam que o PP prepara umha modificaçom para fazer recuar espaços ao galego, o que lhe serviu como reclamo eleitoral nas passadas eleiçons autonómicas.

JUNTA DEIXOU SEM GASTAR 700 MILHONS EM 2010

O PSdeG denunciou que a Junta deixou sem executar cerca de 700 milhons de euros dos orçamentos do ano passado enquanto atuaçons estratégicas e serviços sociais ficam desatendidos com o pretexto da "austeridade". O porta-voz parlamentar José Manuel Lage qualificou o Executivo de "incapaz" e "incompetente".

RICARDO CASTRO BUERGER, SECRETÁRIO GERAL DA CENTRAL UNITÁRIA DE TRABALHADORES/AS

"A única guerra que há é capitalismo ou nós"

XOÁN R. SAMPEDRO / Com umha filiaçom por volta das 2.000 pessoas, a CUT nom passa nos dias de hoje de ser um sindicato minoritário em termos quantitativos, mas é representativo para setores do independentismo e tem certa relevância na comarca de Vigo. A central é mui crítica com a falta de iniciativa mobilizadora por parte da CIG depois da greve geral de 27 de janeiro, assim como com a recusa desta a dar passos para umha coordenaçom de açom entre o sindicalismo nacionalista.

Depois da última greve geral, parece ter decrescido o nível de reivindicaçom e protesto, polo menos ao nível nacional. A que atribuídes esta calma repentina?
Fai todo parte de um mesmo processo. Desde que começamos com as mobilizaçons para a greve geral há três ou quatro anos, sempre houvo umha espécie de freio por parte das centrais maioritárias. A 29 de setembro, como a CIG, secundamos a greve convocada polas centrais do Estado espanhol e produz-se umha eclosom. Umha contestaçom do movimento operário exemplar, para muitos surpreendente e negativa porque os obrigava a seguir com as açons sindicais. E o que figérom as grandes centrais foi desmobilizar.

A 27 de janeiro também secundamos a greve geral que convocava a CIG, ainda que esta central nom quigesse contar connosco. Mas essa greve, já desde o princípio, anunciou-se fora de tempo, como aguardando a contar com as centrais espanholas. De um ponto de vista quantitativo e qualitativo houvo um recuo porque estivo mal trabalhada e nom acreditava nela nem a própria CIG.

Coloca-se entom a grande questom: que fazer agora? A única maneira de continuar a ativar o movimento é com mobilizaçons. Que, por exemplo, a CIG convoque umha manifestaçom polo naval é resultado das nossas concentraçons mensais polo tema, que os obrigam a mover-se. Se a mobilizaçom atravessa umha fase de *narcose*, por assim dizer, é em primeiro lugar porque os trabalhadores e trabalhadoras nom veem nas centrais sindicais e nas suas direçons umha aposta definitiva em prol da mobilizaçom. Observa-se o pactismo de CCOO e UGT, e a própria CIG tampouco está a dar passos para umha acumulaçom de forças no país que leve a umha mobilizaçom permanente, única resposta possível à situaçom em que nos pom o capitalismo.

É tempo entom de virar-se para os conflitos concretos, setoriais?
Há possibilidades de reativar a mobilizaçom. Evidentemente, som necessárias mais greves gerais para criar essa situaçom de mobilizaçom permanente que ponha os poderes entre a espada e a parede. Mas para isso é imprescindível o trabalho em cada centro de trabalho, a nível setorial, explicando a situaçom que enfrentamos, explicando que ou nos movemos ou as reformas que se aproximam virám umha após outra e sem volta atrás. É muito o que nos jogamos, e é precisa a mobilizaçom de classe. Porque aqui a única guerra que há é: capitalismo ou nós. E o capitalismo está a ganhar a batalha porque nós estamos desmobilizados, porque estamos à expetativa de ver se saímos desta. Mas se aguardarmos, será o capitalismo a tirar-nos desta, e vai ser pola sua via, como está a acontecer agora.

Que relevância dades nestes momentos concreto à coordenaçom com outros agentes sociais?
Gostaríamos de poder estar em

"Perseguem a CUT como fórmula de repressom preventiva"

quantas mobilizaçons sociais existirem, mas a nossa capacidade é limitada e tentamos ajustar-nos ao principal objetivo de um sindicato, que é o movimento operário. Por outra parte, entendemos que todas as reformas que se tenhem implementado fam parte desse conflito entre o capitalismo e nós. As reformas na Lei de Águas, no meio ambiente, na energia... vam dirigidas à privatizaçom. A roubar-nos, aos homes e às mulheres, a possibilidade de gerirmos o que é de todos, de empregarmos os bens naturais como nossos. E por isso temos que travar estas batalhas conjuntamente.

As siglas som secundárias. Para nós o que é importante é a libertaçom nacional e a libertaçom da classe operária galega. Aí, nessa mesa, falaremos com quem figer falta. Nos movimentos sociais em que podamos, estaremos. É vital, neste contexto, que nom haja só mobilizaçons de caráter sindical e operário, senom focarmos a realidade do problema, que é o capitalismo. Quantos mais formos a atacar este sistema, melhor.

E nomeadamente com a CIG. É ainda necessário e possível um entendimento?
Com respeito ao tema da CIG, nós temos sempre umha porta aberta a falar e colaborar com eles no que figer falta, ao contrário do que acontece pola sua parte. Na recente manifestaçom em Madrid convocada polas centrais sindicais de naçons sem Estado, sabemos por sindicatos amigos de fora da Galiza que foi a própria CIG a que vetou a nossa entrada. Isto é bastante indicativo de como estám as cousas.

Depois das detençons dos filiados Telmo Varela e Miguel Aparicio, a CUT sofreu a criminalizaçom por parte dos media. Trata-se de um 'aviso a navegantes'?
Todo vai ligado. Onde a conflituosidade social é evidente nas ruas, como na Grécia ou no País Basco, a repressom fai-se às 'machetadas'. Na Galiza os confrontos estám num segundo plano, mas o capital intui possível essa revolta, polo que tomam medidas de caráter preventivo. Temos um desemprego de mais de 15% e nos vindouros dous anos a situaçom será de destruiçom de emprego e gente em situaçons de verdadeira miséria. Isso é um polvorim, sabem que é assim. Tentam prever que organizaçom, mesmo que nom seja agora maioritária, poderia acolher essa frustraçom e dar pé a manifestaçons mais contundentes. Assim olham para nós.

Por outro lado, o trabalho feito, melhor ou pior, tem o seu peso. Se ponhem as nossas siglas no alvo é porque a nossa central tem umha análise política e umha prática sindical que a tornam objetivo. A ideia a transmitir é clara: 'nom vos passe pola cabeça contestar'. E nom vai ficar por aqui, vai ir mais longe, atingindo qualquer trabalhador ou trabalhadora que pretenda reclamar os seus direitos, exercer a liberdade, ser comprometido. Pouco vam importar as siglas a que pertença; vam perseguir os comportamentos.

bar faluya
Orzán 75, A Coruña

O Alfaiate CAFÉ
Rua Sam Joám, nº7
CORUNHA

PATACHIM
taberna boémia
beira-mar, 16 corunha

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

PLENÁRIOS NACIONAIS DA AMI E DE ADIANTE

A AMI realizou a sua novena assembleia nacional com o lema 'Quando a opressom é um feito, resistir é um direito', cujos textos vam fazer públicos. A também organizaçom juvenil Adiante terá em Redondela o seu terceiro congresso nacional: 'Ferramentas para a Mocidade Revolucionária'.

RECLAMAM INÍCIO DA PREVENÇOM CONTRA OS INCÊNDIOS

Efetivos da Seaga ocupárom no passado dia 6 de abril a base helitransportada de Toém reclamando a abertura da pré-campanha contra os fogos florestais, depois de que a Junta a paralisasse. Desconhece-se se esta entidade criada pola Junta manterá o seu trabalho na campanha deste ano. Fôrom desalojados pola Polícia Autonómica.

CANDIDATURA DO POVO apresentou-se em Compostela no passado 9 de abril

AS LISTAS PROMOVIDAS POLO INDEPENDENTISMO SOM JÁ OFICIAIS

Soberanismo apresentará onze candidaturas nas eleiçons de maio

NGZ / As candidaturas promovidas polo independentismo estám já inscritas no Registo Eleitoral Central e estarám presentes em onze localidades, duas delas na costa norte, outras duas no ámbito da capital do país e sete na chamada área metropolitana de Vigo, entre a zona da sua ria e a comarca do Condado. No fecho desta ediçom já se tinham realizado várias apresentaçons públicas e ultimavam-se os trabalhos inciais das pré-campanhas. Os concelhos em que haverá opçons eleitorais à esquerda do BNG serám afinal Minho, Mugardos, Vigo, Redondela, Cangas, Ponte Areias, Porrinho, Compostela, Salvaterra de Minho, Ames e Nigrám.

Cangas, Vigo e Redondela

O único concelho que na atualidade conta com representaçom institucional de forças independentistas, Cangas, repetirá a fórmula da Alternativa Canguesa de Esquerda, que permitiu à FPG dispor de 2 dos 3 concelheiros que obtivo nas anteriores eleiçons municipais. O partido liderado por Mariano Abalo apresentará candidaturas em solitário nas cidades de Vigo e Redondela, e nesta última convocou umha assembleia pública para o dia 17 de abril com o objetivo de debater e referendar o seu programa eleitoral.

Minho, Mugardos, Ames e Nigrám

No caso de Minho, Mugardos, Ames e Nigrám, as candidaturas contarám com presença de ex-militantes do BNG acompanhados por ativistas do soberanismo e os movimentos sociais. A candidatura de Ames está a ser das mais ativas desde a sua constituiçom, tendo realizado diferentes conferências sobre problemáticas locais relacionadas, por exemplo, com o ensino e o transporte, assim como posicionamentos públicos.

Ponte-Areias e Salvaterra

No caso da candidatura de Ponte Areias o trabalho propagandístico está a intensificar-se, acompanhado de divulgaçom de alternativas à gestom municipal, denúncias e reivincicaçons focadas na reduçom do desemprego, entre outros temas. Em Salvaterra acabam de editar um boletim em que reclamam atençom para as políticas relacionadas com a juventude.

Compostela

Na capital da Galiza apresentava-se publicamente no dia 9 de abril a Candidatura do Povo na Galeria Saragadelos, com a participaçom de Ricardo Picáns, Juan Vigo e José Silva. Denunciam "o entreguismo dos partidos com representaçom no Concelho aos interesses de promotores, construtores e imobiliárias", defendem "um modelo sustentável de mobilidade urbana e políticas reais de apoio e promoçom para o rural" e pedem a paralisaçom das obras da Cidade da Cultura e o reinvestimento dos seus orçamentos. Chamam a participar nas assembleias abertas que realizarám duas vezes por semana e apresentarám a sua lista no próximo dia 30 de abril.

Denominaçons

A maior parte das candidaturas combinam nas denominaçons os nomes dos seus respetivos concelhos com a identificaçom ideológica de "esquerda" e em boa parte delas contenhem o termo "alternativa". Compostela, Nigrám e Mugardos partilharám identidade corporativa, assim como Ponte Areias, Salvaterra e o Porrinho.

Instruçom do processo por corrupçom polos terrenos de Marineda City

NGZ / O Tribunal de Contas designou já o instrutor que analisará se a requalificaçom dos terrenos em que está localizada a área comercial Marineda City da Corunha pudesse ser "constitutiva de um suposto de responsabilidade contável" por parte do Concelho, ao eximir os donos do terreno as cessons de parcelas que deveriam fazer públicas, a construçom de viais e pagamentos para os cofres municipais.

Em 2004 a sociedade Invest Cost –dos empresários Manuel Jove, José Souto e José Collazo– comprava o espaço à Unión Fenosa e a outros proprietários, entre os quais se encontram familiares do ex-alcalde Francisco Vázquez. Três anos depois o governo municipal mudava a catalogaçom do solo incrementando notavelmente as margens de benefício dos promotores.

O novo passo dado pola entidade que fiscaliza os movimentos de capitais por parte dos organismos públicos da Galiza produz-se depois de se ter desestimado a solicitaçom de arquivamento reclamada polo Concelho.

NOVAS DA GALIZA analisou no seu núm. 96 como estes empresários estám a branquear capitais no Brasil e também as manobras da família de Francisco Vázquez polas quais cobrou 18 milhons por terrenos que lhe custaram menos de 600.000 euros.

Marineda City, que acaba de abrir as suas portas ao público, apresenta-se na publicidade como a maior área comercial do Estado e a terceira da Europa.

Dous novos centros sociais abrirám portas em Ourense

NGZ / Os bairros ourensanos do Couto e Valençá estám a dotar-se de centros sociais autogeridos, que completarám a oferta do movimento popular em Ourense, unindo-se aos já existentes, A Esmorga e Sem Um Cam, que acaba de realizar o seu aniversário. Até o momento a informaçom existente indica que o do Couto se chamará "CS Galheira" (Galiza em baralhete), e estará centrado no mundo do futebol e dos siareiros.

Fecham A Fouce e Arrincadeira

Mas nom todo som nascimentos; recentemente os centros sociais A Fouce (Bertamiráns) e Arrincadeira (Riva d'Ávia) fechárom por falta de relevo geracional e problemas de solvência, dous dos problemas que mais estám a afetar este tipo de iniciativas.

VAI GERIR SERVIÇOS PÚBLICOS DE DIÁLISE

Fundaçom vinculada a Romay Beccaría poderá ter mais serviços privatizados

NGZ / A Fundación Renal Íñigo Álvarez de Toledo (FRIAT) anunciou estar a negociar a sua expansom em serviços relacionados com o tratamento de diálises na Marinha e no Barbança. O tesoureiro estatal do PP e mentor de Núñez Feijóo e da conselheira de Sanidade Pilar Farjas é vogal desta entidade, que dispom já de três centros na Galiza através dos quais fornece serviços a hospitais públicos e concertados de Verim, Vigo e Ourense.

Conforme se soubo, está a negociar com o Hospital do Barbança a assunçom dos serviços de diálise após a sua privatizaçom, o que foi contestado pola CIG e a Plataforma em Defesa da Sanidade Pública, que julgam que acarretaria a perda de umha vaga fixa para a especialidade neste hospital. No caso da Marinha afetaria serviços do Hospital Comarcal de Burela.

Na assembleia da fundaçom em que decidírom a sua expansom por estas duas comarcas participárom tanto o líder do setor do *birrete* José Manuel Romay Beccaría como a conselheira de Sanidade Pilar Farjas.

Pessoal do Hospital do Barbança estám a mobiliza-se para evitar a privatizaçom.

AUTOCONVOCATÓRIAS E BNG MOBILIZAM

Proliferam respostas sociais contra a invasom da Líbia

NGZ / Quando se vai cumprir um mês desde o começo da invasom imperialista na Líbia, o movimento popular galego continua a protestar na rua contra o que considera "um novo Iraque". A primeira resposta foi a de umha autoconvocatória que fazia um chamamento à mobilizaçom em Compostela com a palavra de ordem "Nom à guerra. Nom queremos outro Iraque". Segundo declaraçons de pessoas implicadas na organizaçom, esta guerra "só responde aos interesses das empresas petrolíferas", criticando aliás o importante gasto militar que se está a produzir num momento de crise e altas taxas de desemprego. No dia 14 de abril tivo lugar na mesma cidade umha nova concentraçom. O movimento popular de Ourense também se organizou em torno de umha Assembleia Aberta contra a Guerra Imperialista, tentando articular umha resposta conjunta. Organizaçons independentistas emítirom comunicados contra a guerra, e o BNG convocou concentraçons por todo o País.

CEIVAR CHAMA A PARTICIPAR NA MARCHA NO DOMINGO 17 DE ABRIL

Manifestarám-se no dia internacional das presas e presos políticos

NGZ / Para o domingo 17 de abril o organismo antirrepressivo Ceivar convoca umha manifestaçom que sairá da Praça Vermelha de Compostela às 12 horas em apoio aos presos independentistas galegos e por ocasiom do dia internacional das presas e presos políticos. Ao longo das últimas semanas sucedêrom-se diversas mobilizaçons em solidariedade com os presos independentistas galegos, como ceias de solidariedade promovidas por Ceivar em vários centros sociais do país até concentraçons, algumhas delas promovidas pola Central Unitária de Trabalhadores (CUT) e outras polo Comité de Solidariedade e Apoio a Miguel e Telmo (CSAMT).

Ceivar realizou também um intenso trabalho de denúncia perante a proibiçom por parte dos funcionários do centro penitenciário La Moraleja, em Dueñas (Palencia), a Santiago Vigo de realizar um vis-à-vis que o preso tinha autorizado com a sua família, que tivo que regressar à Galiza sem poder vê-lo. A anulaçom do encontro do preso com os seus familiares motivou o protesto dos dous independentistas galegos fechados nessa prisom, os quais figérom jejum na sexta-feira 1 de abril. Ademais, Vigo tivo que cumprir umha sançom com restriçons de saídas ao pátio por reclamar o seu direito a dispor de umha cela individual.

Por outro lado, em finais do mês de março anunciava-se a dispersom do preso Miguel Nicolás à cadeia de Villabona, nas Astúrias. Até entom, Miguel Nicolás permanecia no centro penitenciário ponte-vedrês da Lama, onde se encontra o sindicalista Telmo Varela. Com a execuçom desta transferência passam a quatro os presos independentistas que cumprem a pena fora da Galiza, já que, ademais de Santiago Vigo e Ugio Caamanho, que estám em Palência, José Manuel Sanches encontra-se em Leom, em aplicaçom da dispersom penitenciária.

Julgamentos a independentistas

No passado dia 6 de abril tivo lugar nos tribunais da Corunha um julgamento contra o militante de AMI Joám B.F. por factos acontecidos a 12 de outubro de 2005, quando se realizou umha concentraçom na Corunha em protesto contra a colocaçom de umha enorme bandeira espanhola içada no Orçám. A convocatória finalizou com umha manifestaçom pola cidade, sendo Joám B.F. agredido e detido polos agentes policiais que carregárom nesta mobilizaçom. O moço independentisa é acusado de "atentado contra agente da autoridade" e "agressom", segundo explica o portal *galizalivre.org*.

Por outro lado, a página web de Ceivar informa de que H.M., também militante da AMI, ia ser julgado no passado dia 7 de abril na seqüência da greve do lixo que se produziu no ano passado na cidade de Compostela. O julgamento foi suspendido até o próximo dia 19 de maio ao nom terem comparecido os polícias que formam parte da acusaçom neste caso.

JUSTIÇA DECLARA LEGAL O DECRETO DO BIPARTIDO E O REPARTO ATUAL DA JUNTA ENTRA ASSIM NUMHA FASE DE INCERTEZA JURÍDICA

Concurso do PP pom ao serviço das empresas eólicas espaços de alto valor natural

NGZ / A Associaçom para a Defesa Ecológica da Galiza (ADEGA) está a alertar quanto ao perigo que implicam para o meio natural galego alguns dos parques projetados na seqüência das concessons do concurso eólico do governo Feijoo. Fala, nomeadamente, de umha série de três projetos na área do Monte Pindo e do parque eólico 'Alto da Coroa II', em Vimianço e Dumbria. As novas instalaçons implicam umha ameaça em especial para várias zonas húmidas e breijais. Por sua vez, no caso dos sitiados ao redor do Pindo chamam também a atençom sobre a abundância de mamoas e petróglifos nos outeiros em que vam ser instalados os moínhos.

O coletivo ecologista denuncia a pressa com o que as empresas do setor estám a procurar a implantaçom dos seus complexos, com o objetivo de se adiantarem a umha ampliaçom de urgência da Rede Natura galega à qual é possível que obrigue a Uniom Europeia. A ADEGA reflete, neste sentido, em que "com razom a Junta denegou um Parque Natural no Pindo e demora tanto a ampliar a Rede Natura: primeiro devem escolher o sítio para os eólicos e as canteiras".

Justiça declara legal o decreto aprovado polo bipartido

O Tribunal Superior de Justiça da Galiza ditou em março umha sentença que declara "total e absolutamente legal" o decreto eólico do bipartido. O projeto estrela de Fernando Blanco, conselheiro da Indústria polo BNG na altura, fora denunciado pola multinacional italiana Enel. O que foi aproveitado pola Junta de hoje para anular o concurso e levar adiante um novo, para o qual se abre um período de incerteza jurídica. Um terço das empresas participantes no concurso apresentárom recursos, e o subdiretor geral de Energia da Junta acaba de demitir, ainda que sem fazer pública umha razom, depois de a resoluçom do concurso receber fortes críticas.

AGUSTÍN HERNÁNDEZ apresenta umha jornada sobre a Lei de Águas

MERCANTILIZAÇOM DO BEM BÁSICO SUSCITA OPOSIÇOM NAS ÁREAS RURAIS

Primeiro regulamento da Lei de Águas legaliza o novo negócio

NGZ / A forte rejeiçom social em amplas camadas da sociedade galega contribuiu para a criaçom da Plataforma Galega contra a Lei de Águas que no dia 20 de março convocou na capital do país umha manifestaçom à qual fôrom mais de 2.000 pessoas. A manifestaçom foi o primeiro grande braço-de-ferro à administraçom desde a aprovaçom em novembro de 2010 da polémica Lei de águas.

Com motivo da publicaçom por parte da Conselharia da Indústria do 'Projeto de decreto polo que se aprova o estatuto de Águas da Galiza', a Plataforma contra a lei de águas difundiu um contundente manifesto explicando o primeiro sintoma da efetiva via privatizadora que acarreta a lei de augas. Em primeiro lugar, destacam que Águas da Galiza, encarregada da gestom absoluta da água com a nova lei, passa a ser umha forma de empresa que desenvolve um monopólio natural, por ser a única com competências em materia de águas, fazendo-o ademais a partir dos postulados do direito privado. O artigo 23 do Anteprojeto também permite a "criaçom de sociedades mercantis e a participaçom em qualquer outra sociedade constituída por entes particulares". Além disso, o anteprojeto confere à água a categoria de bem comercial, ao referir-se a este bem como de "consumo ou uso potencial". Na Plataforma assinalam que podemos estar perante umha forma, de entre as muitas existentes, para a paulatina privatizaçom de umha competência de domínio público.

Por todo o anterior, representantes da Plataforma figérom entrega na Conselharia do Meio Ambiente a 1 de abril, de um documento que recolhe as alegaçons do coletivo, entre as quais destaca a exigência de derrogaçom total da Lei de águas, para abrir um "processo de debate social onde se determine qual é o mecanismo a escolher para o cumprimento dos objetivos comunitários que se concretam na Diretiva 2000/60/UE".

Mercantilizaçom

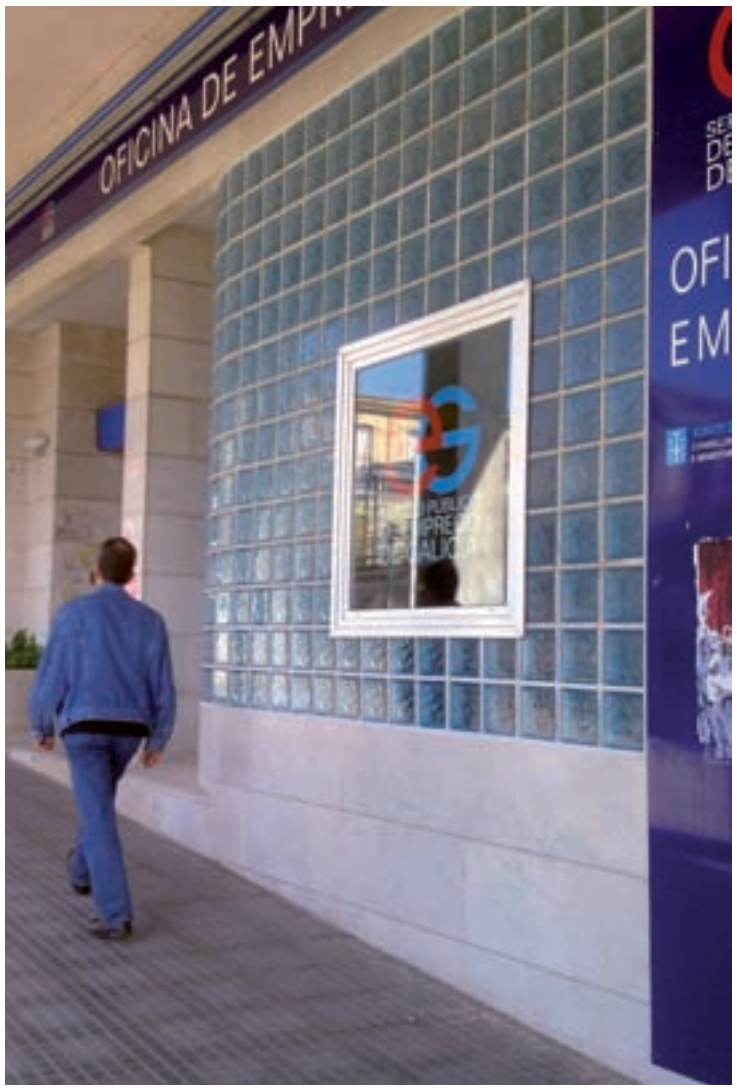
A implantaçom da lei obriga a pagar mais para lá do serviço, inclusive polo próprio bem, considerando os indivíduos como sujeitos de consumo que ficam assim enrolados dentro do círculo comercial que impom a nova lei, quando a própria diretiva citada recolhe que "a água nom é um bem comercial, como outros, senom um património que há que defender". Menéndez também lançou umha mensagem de tranqüilidade para o setor rural, lembrando que o texto recolhe a exençom expressa para o uso pecuário, agrário e florestal. Perante isto último, Carme Freire, do Sindicato Labrego Galego, manifestou as suas reservas em declaraçons recentes: "hoje aplicam-se a amanhá nom", porque estas bonificaçons "podem-se mudar em qualquer momento".

Milhares de pessoas manifestam-se em Madrid contra as reformas do Executivo de Zapatero

NGZ / No passado dia 5 de abril umhas 6.000 pessoas viajárom a Madrid em protesto polas reformas que está a desenvolver o governo do PSOE. Fôrom convocadas pola CIG, as centrais sindicais nacionalistas bascas, a catalá CSC e a canária IC. Da Galiza fôrom umhas 1.500 trabalhadoras e trabalhadores as deslocadas até a capital do Estado para defender os direitos da classe trabalhadora frente às políticas de ajuste do Governo.

Atrás de umha faixa na qual se podia ler o slogan da manifestaçom em galego, basco e catalám, milhares de bandeiras galegas e *ikurriñas* percorrêrom o itinerário da mobilizaçom ao ritmo de txalapartas, gaitas e proferindo lemas como "Nom falta dinheiro, sobram ladrons" ou "CCOO-UGT, sindicatos do poder". No fim do ato intervinhérom o secretário geral da CIG, Suso Seixo; o de ELA, Adolfo Muñoz, e a de LAB, Ainhoa Etxaide. Suso Seixo qualificou a sua atividade como "traiçom aos interesses da classe trabalhadora", quando é necessária a mobilizaçom "se quigermos parar estas políticas tam agressivas com os interesses da maioria social".

Outro ponto em que os representantes sindicais incidírom com veemência foi a reforma da negociaçom coletiva.



Desemprego continua a crescer e afeta um quarto de milhom de pessoas

NGZ / Os dados do desemprego continuam a disparar-se de maneira alarmante sem que existam sintomas de umha possível recuperaçom na Galiza. Entre fevereiro e março fôrom quase mil as novas pessoas que engordárom as fileiras dos serviços de contrataçom, atingindo-se assim o número de 249.246 galegos e galegas sem trabalho.

O declínio da indústria continua a acentuar-se, sendo o setor em que mais pessoas perdêrom os seus empregos, 0,7 por cento num só mês, tendência que se inverteu na média estatal, com 0,3 por cento de novos contratos neste setor. A construçom foi o único ámbito que recuperou empregos na Galiza, com 0,6 por cento de novas contrataçons.

Dos 50.000 novos contratos formalizados em março, a CIG assinala que 90 por cento dos mesmos fôrom de caráter temporário, o que "evidencia, mais umha vez, o rotundo fracasso da reforma laboral" que na teoria previa o fomento da contrataçom efetiva e indefinida através de incentivos para as empresas e menores custos.

Desvendam novas tramas da Operaçom Orquestra

NGZ / As diligências da Operaçom Orquestra, em que é investigada a trama de corrupçon da Costa da Morte, revelárom a existência de umha rede de captaçom de subvençons com a "conivência" da Conselharia da Cultura e o propósito de criar associaçons e atividades que favorecessem eleitoralmente o PP de Corcubiom, segundo o *El País*. Um dos implicados teria criado organizaçons culturais com o fim de empregá-las como 'plataforma' para a subida dos *populares* nesta vila da Costa da Morte.

Nas mesmas diligências indica-se que na trama central da Operaçom Orquestra dous construtores de Mogia obtenhem numerosas contrataçons públicas em Cee, Fisterra e Maçaricos em troca de pagar parte das festas locais e de dar dinheiro a alcaldes e concelheiros. Por estas atuaçons ilícitas encontram-se imputadas 11 pessoas que agora estám em liberdade provisória e entre os quais se encontram os alcaldes e concelheiros de Obras dos três concelhos anteriormente citados.

MAR

MULTINACIONAIS PREPARAM TERRENO

As gaiolas de salmom: o novo negócio nas rias

Oposiçom dos marinheiros à instalaçom na Ria de Muros-Noia destas jaulas em defesa da pesca artesanal frente ao desembarco de multinacionais para explorar as águas.

AFONSO DIESTE / Num artigo publicado no NOVAS DA GALIZA núm. 97 ("A Junta abre as rias galegas ao desembarco de multinacionais em prejuízo dos setores galegos do mar") alertava-se da intençom do atual governo galego de permitir a piscicultura intensiva das águas galegas por grandes empresas em prejuízo dos setores (marisqueiro, marinheiro e bateeiro) tradicionais dessas zonas. Naquela reportagem, Xosé Tubío, um mexilhoeiro de Rianjo, afirmava: "As duas gaiolas de salmom que pujo aqui a Noth West Food produzem centenas de toneladas em poucos meses e só necessitam de três ou quatro trabalhadores; dam umha enorme margem de lucro", acrescentando: "Este cultivo intensivo pode desencadear importantes surtos infeciosos em peixes e bivalves, pois a existência de bactérias e vírus é freqüente nestes sistemas de produçom, algo que tem sido denunciado nos Estados Unidos, Canadá ou Escócia". Agora, as gaiolas de salmom voltam à atualidade polos protestos de marinheiros e vizinhos de Muros-Noia contra a situaçom destes engenhos para o cultivo de peixes da mao da empresa Motrh West Food.

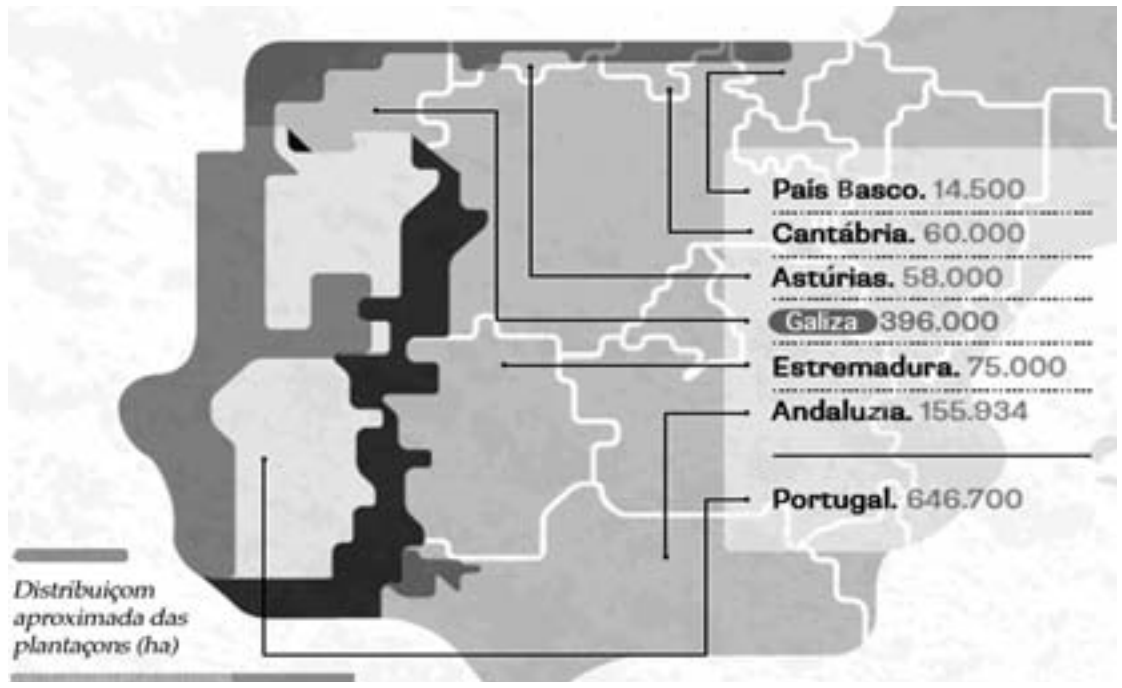
Estas gaiolas estivérom durante quase dous anos fundeadas na boca da Ria de Arouça graças a umha autorizaçom concedida pola Conselharia de Pesca da socialista Carmen Gallego. A atual Conselharia do Mar, do PP, decidiu mudá-las para a de Muros-Noia depois de nom poucas pressons de confrarias e bateeiros arousanos para que as jaulas fossem retiradas. Mas a transferência das gaiolas para as águas de Muros-Noia gerou umha importante mobilizaçom social nessa comarca, que vem a pôr de manifesto, ademais, a defesa da pesca artesanal e costeira como modelo viável, sustentável e que laboralmente preserva essas zonas frente a interesses alheios.

O Plano de Ordenaçom de Cultivos, elaborado pola atual Junta da Galiza, parte de umha premissa clara e, para os seus mentores, demolidora: As rias galegas estám infraexploradas e nom som tam rentáveis como deveriam de um ponto de vista empresarial. Para este setor, a existência de monocultivos aqüícolas como o mexilhom (mais de 3.200 bateias em maos de milhares de pequenos e médios produtores) e de umha "frota arcaica" que continua a empregar artes pouco competitivas, fai com que as águas das rias e os recursos que acolhem estejam pouco explorados.

Neste Plano de Ordenaçom impulsionado pola Junta som fomentados os cultivos experimentais (como o de salmom, com enormes gaiolas e alimentaçom com produtos químicos e de laboratório) promovidos por multinacionais, que acarretam umha ameaça para a atividade de mexilhoeiros e marinheiros. Mas também se aposta em acabar com a economia familiar em torno à qual gira a atividade nas rias galegas (embarcaçons de pesca e marisqueio e bateias) para introduzir a exploraçom dos recursos mediante concessons a empresas, que teriam assalariados que levariam a cabo o trabalho da pesca, cultivo e extraçom. Algo em que nom só estám interessadas empresas estrangeiras, mas também firmas galegas como a Pescanova, que apostam decididamente no setor.

AGRO

O 'ouro verde' foi rentável nos anos 90 com as ajudas da Junta da Galiza



Denunciam eucaliptizaçom incontrolada da península

28% DA SUPERFÍCIE ARBORIZADA ESTÁ OCUPADA POR EUCALIPTO

A proliferaçom de plantaçons de eucaliptos foi denunciada no último mês com a publicaçom de dous importantes relatórios assinados por diferentes organizaçons para a conservaçom da natureza e o meio ambiente.

P.V. e J.R. / As organizaçons, maioritariamente do norte do Estado (Galiza, Astúrias, Cantábria, País Basco e Andaluzia), tiravam um manifesto intitulado "Umha visom comum sobre o problema das plantaçons de eucalipto" no dia 21 de março com motivo da celebraçom do dia mundial da floresta. Por outro lado, e mais recentemente, a associaçom ecologista Greenpeace publicava um relatório com o nome de "A conflituosidade das plantaçons de eucalipto em Espanha e Portugal", que estuda o fenómeno da 'eucaliptizaçom' que sofrem os dous estados da península.

A eucaliptizaçom da Galiza

Umha das principais causas da eucaliptizaçom na Galiza foi o impulso que os sucessivos governos do PP na Junta lhe dérom com a concessom de ajudas económicas nos anos 90. Estas ajudas provenientes da Uniom Europeia como "Ajudas à Produçom Florestal", nom incluíam a espécie eucalipto dentro das subvencionadas, como reflete o relatório da Greenpeace. Contodo, a Junta da Galiza, com competências na política florestal, e obedecendo aos interesses

> Ao setor já nom interesam os montes menos produtivos e de difícil mecanizaçom

da indústria do papel, acolheu esta espécie no plano das Ajudas à Produçom Florestal. Esta decisom fijo dos 90 os anos do "ouro verde" na Galiza, que dérom passo a umha massiva reflorestaçom com esta espécie nos montes galegos, sem deixar de crescer até hoje, apesar de que em 2000 cesaram as ajudas diretas à reflorestaçom. Porém, outra série de incentivos continuárom vigentes, como a investigaçom com variantes transgénicas de eucalipto ou a criaçom de viveiros.

Calcula-se que na Galiza 28% da superfície arborizada é ocupada por eucalipto, mas as plantaçons mistas nom contabilizam nesta percentagem, de maneira que o total de ocupaçom ascende.

A escassa eficiência na estruturaçom das terras de montes e a inexistência de controlo das plantaçons fomentou umha atitude de "livre atuaçom", consentida por todas as adminstraçons em relaçom à exploraçom deste recurso florestal.

A reduçom do número de agricultores causada pola capitalizaçom do setor e o envelhentamento da populaçom rural, animou muitos proprietários a abandonarem o gado em prol do cultivo de eucaliptos. Nascem assim as miniplantaçons de eucalipto, muitas vezes em terrenos de lavoura e com poucas expetativas de comercializaçom. Na maioria dos caos estas plantaçons possuem escasso valor na atualidade, já que "ao setor do eucalipto já nom interessam os montes menos produtivos de difícil mecanizaçom, cujas quendas se esgotárom ou estam afetadas por pragas (...)", aponta o relatório da Greenpeace.

Danos causados no território

Um dos principais prejuízos causados pola invasom desta espécie afeta a biodiversidade. Como assinala o documento elaborado pola Greenpeace "as plantaçons de eucaliptos nom som floresta". Para que isto acontecesse, o eucalipto teria que atender à sua própria biodiversidade; a árvore deve chegar a umha idade madura, algo que nom ocorre polo forte ritmo produtivo ao qual é submetida a espécie, o que exige um corte mui precoce."

Por outro lado, o eucalipto tem um grande potencial de expansom, o que ocasiona poluiçom em reservas naturais ou zonas com outra espécies, por exemplo nas Fragas do Eume, que também sofrem a invasom desta espécie. Ambos os relatórios recolhem este facto e exigem a progressiva extraçom do eucalipto de zonas protegidas e espaços naturais.

ECONOMIA

A dívida da formaçom nacionalista foi em aumento até atingir, em 2009, um saldo pendente de 4.991.800 euros com as duas caixas

Dívida milionária do BNG com as caixas galegas lastra a sua autonomia

OS TRÊS GRANDES PARTIDOS TENHEM PENDENTE DE PAGAMENTO À NOVACAIXAGALICIA 4,86 MILHONS DE EUROS

A princípios deste mês de abril tornárom-se públicos os dados sobre a dívida que as formaçons políticas da Galiza tenhem com Novacaixagalicia. Segundo o Relatório de Governo Corporativo desta entidade, produto da fusom de Caixanova e Caixa Galicia, o dinheiro que no total tenhem estas organizaçons pendente de pagamento à caixa galega a finais de 2010 é de 4,86 milhons de euros. Desta quantidade uns 3,75 milhons pertencem ao BNG, formaçom política que nestes últimos anos incrementou a via do endividamento com as caixas de aforros galegas para o seu financiamento.

MAURO VARELA, co-presidente da Novacaixagalicia, numha concentraçom do BNG em defesa da galeguidade da entidade financeira

AARÓN L. RIVAS / As diferentes posturas que os partidos políticos galegos com representaçom no Parlamento defendêrom no referido à reestruturaçom do sistema bancário do Estado espanhol nom se poderiam compreender na sua totalidade sem sermos conhecedores das relaçons que entre o sistema financeiro e o institucional se tecêrom nos últimos anos. Assim, dos dados que as caixas galegas tenhem que dar a conhecer publicamente devido ao seu caráter semipúblico desprende-se que a organizaçom política que mais endividada se encontra com estas entidades financeiras é o BNG, que recorreu aos empréstimos da Caixa Galicia e Caixanova nos últimos anos em mais ocasions que o PPdeG e o PSdeG, acumulando também umha dívida maior que a destoutras formaçons políticas. Durante os meses em que o debate sobre o futuro das caixas galegas estivo no foco mediático, fôrom os nacionalistas que defendêrom com mais afám a fusom de ambas as caixas perante a possibilidade de que fossem fagocitadas por algumha entidade foránea à Galiza, se bem que nom se pugesse em questom o papel especulador das caixas que jogárom um importante papel no financiamento deste partido nos últimos anos.

Seguindo os relatórios anuais do Governo Corporativo de Caixa Galicia e Caixanova, nos quais se dá informaçom detalhada sobre as operaçons financeiras que se realizam com partidos políticos e administraçons públicas, observa-se que a dívida da formaçom nacionalista foi em aumento até atingir, em 2009, um saldo pendente de 4.991.800 euros com as duas caixas galegas, dividindo-se esta quantia em 2.598.000 euros para Caixanova e 2.393.800 para Caixa Galicia. Segundo o publicado por estas entidades financeiras, a primeira vez que o BNG superou os 3 milhons de dívida com as duas caixas foi em 2005, ano em que chegou ao governo bipartido da Junta e em que alcançou umha dívida com as caixas galegas de 3.510.000 de euros. Em 2006 a dívida desceu até os 2,7 milhons, enquanto em 2007 e 2008 voltou a superar os 3 milhons de euros. Conforme os últimos dados, que correspondem já aos relatórios da recém nascida Novacaixagalicia, a dívida atual com esta entidade financeira situa-se nos 3,75 milhons em finais do ano 2010. Se bem que a dívida com as caixas galegas de PSdeG e PPdeG seja inferior à dos nacionalistas, há que ter em conta que isto explica-se pola sua relaçom com os aparelhos estatais dos seus respetivos partidos, através dos quais flui o financiamento, umha vez que tenhem fácil acesso a entidades privadas estatais.

> Clara Millán, alcaldesa de Cangas, passou de se opor ao porto de Massó a permitir as obras

Eleiçons: negócio para as caixas

Estes números salientam um dado interessante: a dívida com as caixas dispara-se nos anos em que se realizam eleiçons autonómicas. No caso do BNG salientam os números de 2005 e 2009 nas caixas galegas, anos em que chegou e abandonou o Governo autonómico respetivamente. Centrando-nos no exemplo mais recente, o relatório do Conselho de Contas sobre a fiscalizaçom das contabilidades eleitorais nas autonómicas de 2009 é taxativo nas suas conclusons: "As formaçons políticas declaram recursos por um total de 5,45 milhons de euros, dos quais 64,20% provenhem de operaçons de endividamento, 20,80% de adiantamentos de dinheiro para os processos eleitorais e 14,12% de contributos do partido".

Segundo o estudo do Conselho de Contas, o BNG endividou-se em 1.188.526 euros com entidades financeiras para levar a cabo a sua campanha eleitoral. O resto de formaçons políticas que atingírom representaçom parlamentar nesses comícios autonómicos apresentam uns índices de endividamento semelhantes, mas as subvençons eleitorais que se cobram polos deputados e os votos resultantes (e das quais os partidos solicitam um adiantamento para a elaboraçom da campanha) nom fôrom iguais para as três formaçons políticas: PPdeG levou uns 1.835.617 euros, PSdeG uns 1.392.384 euros e o BNG 957.287 euros.

Além disto, nos relatórios de governo corporativo de 2009 recolhe-se que a formaçom nacionalista solicitou 1 milhom de euros à Caixanova e 1,3 milhons à Caixa Galicia em diversas operaçons de crédito e empréstimo, parte dos quais seriam destinados à campanha eleitoral.

Dívidas com a Novacaixagalicia

Durante todo o processo de reestruturaçom bancária, em andamento desde há mais de um ano, tanto as caixas por separado como a nova caixa já fusionada nom deixárom de conceder empréstimos e créditos às formaçons políticas. Assim, segundo publicou o diário *El País*, durante o ano 2010, a Caixanova concedeu ao BNG mais de 900.000 euros em vários empréstimos pessoais de diversa quantia; a Caixa Galicia forneceu 100.000 euros através de um empréstimo hipotecário (que som aqueles nos quais se deixa como garantia algum bem imóvel propriedade do prestatário) e já a Novacaixagalicia deu um empréstimo pessoal de 538.000 euros. Um dado que também chama a atençom dos relatórios das caixas galegas nos últimos anos é que a Caixa Galicia ofereceu ao BNG condiçons ligeiramente melhores que a Caixanova nos seus empréstimos.

O conjunto da dívida dos 3 partidos galegos com representaçom parlamentar com Novacaixagalicia ascende aos 4,86 milhons de euros, dos quais 3,75 som do BNG, enquanto o PSdeG deve 730.000 euros e o PPdeG 376.000.

Toda esta dança de números vem a revelar o alto nível de dependência que o nacionalismo institucional tem com as entidades financeiras galegas, recentemente fusionadas. Esta relaçom pom em dúvida o papel a jogar polo BNG em conflitos nos quais também estám em jogo os interesses especulativos das caixas. O caso paradigmático é o que está a acontecer em Cangas com a construçom do porto desportivo de Massó, umha obra promovida por Residencial Marina Atlántica, empresa que se encontrava participada em 50% por Caixanova. A alcaldesa nacionalista Clara Millán, que foi também secretária de Finanças do BNG entre 2007 e 2008, passou de mostrar rejeiçom a esta obra nos compromissos que conformárom o já defunto governo tripartido da localidade morracense a negar-se a paralisar os trabalhos de construçom do complexo de Massó.

A TERRA TREME

Nos rebeldes existe um setor pró-ocidental e um outro que denunciou publicamente os bombardeios da OTAN contra civis

MEIOS DE COMUNICAÇOM DE MASSAS IMPEDEM QUE TRASCENDA O QUE VERDADEIRAMENTE ACONTECE

Confusom envolve conflito na Líbia

Da mesma forma que as boas famílias nom arejam os assuntos turvos da casa, os principais governos e meios empresariais estám a impedir que transcenda umha informaçom nítida sobre os sucessos na Líbia. Entre a segunda semana de fevereiro, na qual começárom os confrontos, e o momento atual, no qual estám a intervir as tropas internacionais, está-se a desenvolver um conflito que já arrasta mais de 8.000 pessoas mortas.

DANIEL R. CAO / Sem cair em especulaçons, torna-se preciso, em primeiro lugar, chegar-se aos agentes em conflito. Dentro da onda de independências e revoltas que percorreu África em finais da década de 60, um processo de descontentamento popular pola atuaçom da monarquia líbia durante a chamada guerra dos seis dias, derivaria na chegada ao poder de Muammar Khadafi em 1969. Do mesmo modo que muitos outros líderes anticoloniais da época, impregnou o seu governo de umha dialética abertamente anti-imperialista e quase socialista, recolhendo o seu pensamento no *Livro Verde da Revoluçom*. O certo é que, durante os primeiros anos do seu mandato, foi fiel e coerente com esse programa, até o ponto de que, ainda na atualidade, a Líbia é o país africano com maior índice de desenvolvimento humano do continente. Nesses anos, a sua colaboraçom com a Palestina, sendo o único governo árabe que apoiava o seu processo de independência, levou-no a ser considerado como um dos líderes do chamado *terrorismo internacional*. Porém, desde meados dos anos noventa, a imagem internacional de Khadafi mudou considerávelmente, e o facto de estar em possessom de umha das maiores reservas de petróleo do mundo influiu nisto. De seguida chegárom multiplos acordos comerciais com todo o Ocidente e célebres viagens nas quais em vez de hotéis empregava *haimas* para se alojar ele e a sua equipa. O cultivo desta imagem de homem do povo, unido a certos aspetos do seu discurso, figérom de Khadafi umha personagem ambígua que, porém, despertava simpatias entre esquerdas e direitas. Mesmo assim, esta imagem nom conseguiu esconder as grandes amizades que o líder líbio cultivou com Manuel Fraga ou Sílvio Berlusconi e, sobretodo, o papel que nos últimos anos tem cumprido na sua regiom, que nom foi mais que o de aplicar estritamente os acordos derivados da Cimeira Euromediterránea de 2005, em que os países europeus instárom aos norte-africanos a endurecerem, entre outras, as suas políticas migratórias. A crise do petróleo, mineral em que baseou todos os seus projetos, levou o governo líbio a imitar as políticas de cortes dos seus agora aliados do norte, questom pola qual boa parte da sua populaçom aderiu aos protestos que já percorriam os outros países árabes em África.

> ONU e OTAN só tardárom umha semana em prestar apoio à insurgência

A oposiçom

Os protestos, seguindo com as caraterísticas do efeito, fôrom convocadas por massas anónimas, às quais aginha aderírom setores da oposiçom pró-ocidental. E é este, precisamente, o maior foco de confusom. Encontramo-nos perante umha revolta pró-democrática e abertamente anti-imperialista ou, polo contrário, nas vésperas da instauraçom de um novo fantoche de fácil derrocamento quanto molestar? Os exemplos destes segundos nom som poucos. Já desde os primeiros dias, setores dissidentes do exército fôrom aderindo às revoltas, dotando as massas descontentes de armamento, e deixando preparado o terreno para a guerra civil. Mas é esta a principal contradiçom que ajuda a desenhar qual é o panorama. Os setores militares em rebeldia nom deixavam de ser umha minoria, e cedo começárom os rumores de um requerimento de ajuda à OTAN. Ainda que à partida se pudesse pensar que a intervençom do maior exército mundial inclinaria o conflito para um dos bandos, isto nom aconteceu, fundamentalmente porque parte da insurgência nom aceitou a ingerência internacional. Desta forma, pode-se considerar que, dentro dos rebeldes, existe um setor identificado com o governo provisório instaurado logo nos primeiros dias de conflito, mais pró-ocidental, e um outro com as Forças Armadas Rebeldes, que no dia 5 de abril denunciou publicamente os bombardeios indiscriminados levados a cabo pola OTAN contra objetivos civis.

A comunidade internacional

As mesmas ONU e OTAN que tardam décadas em alcançar umha conclusom sobre se o que acontece na Palestina, Chechénia ou, recentemente, na Costa do Marfim, é um genocídio, um conflito, ou umha simples desavença por uns lindes, nom tardárom nem umha semana em prestar apoio militar a um grupo insurgente, conceito que, nos seus próprios livros de estilo, é sinónimo de "terrorista". A segunda das curiossidades que envolvem o posicionamento internacional perante os acontecimentos na Líbia é o acordo de apoio geral à intervençom da Aliança Atlántica. Desta forma, com as exceçons da Nicarágua, cujo presidente mostrou o seu apoio a Khadafi, e o Brasil e a Venezuela, que propugérom pôr em prática diferentes mecanismos de negociaçom, o resto da comunidade foi unánime, dando-se casos estranhos como o quase total apoio dos partidos do Estado espanhol à intervençom, secundado também por outras forças de tradiçom progressista como o Bloco de Esquerda português ou o Die Linke da Alemanha.

Futuro

De novo, especular é perigoso. A situaçom atual convida a pensar que finalmente a insurgência, graças ao apoio da OTAN, vencerá as tropas de Khadafi, mas, se o debate interno entre os rebeldes se resolver em prol do ocidentalismo, é possível que o conflito se alongue, já que apesar da sua precariedade armamentística, o governo líbio continua a resistir e nom dá a mais mínima mostra de fraqueza após mês e meio e combates.

O GOVERNO VALENCIANO SANCIONA 'ACCIÓ CULTURAL' POR EMITIR A TELEVISOM CATALANA NO SEU TERRITÓRIO

O triunfo da censura no País Valenciano

Acció Cultural del País Valencià (ACPV), a associaçom com mais força do País Valenciano a nível de ativismo cultural, tem o futuro ameaçado. A causa está na pressom económica que implica para o organismo as diversas multas que a Generalitat Valenciana lhe tem imposto por causa da emissom do canal autonómico catalám TV3 no seu território. A proibiçom das emissons coincide em tempo e espaço com as graves acusaçons de corrupçom política que pesam sobre o PP Valenciano na famosa trama Gürtel, o que fai pensar aos representantes da associaçom que se trate de umha simples cortina de fumo.

EUGÉNIO OUTEIRO / Em 1984, a ACPV conseguiu, por meio de umha campanha de angariaçom de fundos, aquilo que era o grande objetivo do catalanismo da altura no País Valenciano: fazer chegar o sinal da TV3, a recém criada televisom autonómica do Principado, aos territórios do sul. Conseguiam desta maneira dotar a comunidade de falantes de catalám nesses territórios de um importante meio para a normalizaçom lingüística, numha altura em que a oferta televisiva era ainda muito pequena, e nem sequer existia o canal autonómico valenciano.

Durante 26 anos TV3 foi vista com relativa normalidade, apesar das queixas de 'imperialismo' da extrema-direita e do secessionismo lingüístico, de que o Partido Popular se foi tornando principal representante político. A legalidade nem condenava nem permitia de forma explícita, e lá se foram salvando problemas como a concorrência na emissom dos jogos de futebol ou a mudança do sistema para a emissom em TDT. Ao mesmo tempo, conseguia-se triplicar a oferta mediática na língua do país, a que se acrescia umha só pluralidade nos pontos de vista da informaçom.

Mas em 2007 o Partido Popular começou uma campanha de assédio às emissons da TV3 na Comunidade. Apresentou, em primeiro lugar, três denúncias nas demarcaçons judiciais correspondentes a cada repetidor, conseguindo que a judicatura lhe desse a razom apenas em Alacante, província em que se passou a fechar o repetidor da Carrasqueta (Xixona), mesmo apesar das históricas mobilizaçons populares para evitá-lo. Entretanto, nas províncias de Castelló e Valência o sinal continuava a ser recebido normalmente.

> O PP assédia as emissons da TV3 no País Valenciano desde o ano 2007

> "Utilizam a TV3 como cortina para tapar as acusaçons da trama Gürtel"

A ACPV começou entom uma Iniciativa Legislativa Popular a nível estatal que permitisse a emissom de TV's autonómicas fora das suas fronteiras administrativas. Conseguiu apresentar mais de 200 mil assinaturas mais das necessárias (700.000), mas a ILP espera ainda ser discutida no Congresso. Aliás, o executivo catalám ofereceu a possibilidade de reprocidade de emissons que permitisse que Canal 9 fosse visto no principado e TV3 no País Valenciano, encontrando pouco interesse por parte da administraçom do sul. Também se instou ao Ministério de Indústria, verdadeiro proprietário dos canais, a resolver o problema, sem por isso ter atingido resposta nengumha.

Entretanto, o executivo valenciano passou da via judicial à administrativa. Impugérom à Acció Cultural fortes multas de legalidade duvidosa por valor de 600.000 euros, que levaram a uma situaçom económica insustentável para a associaçom cultural. Assim sendo, o presidente do organismo, Eliseu Climent, fazia pública em passado 19 de Março a decisom de cessar as emissons, sem por isso deixar de indicar as causas da perseguiçom: "utilizar o encerramento da TV3 como cortina para tapar as graves acusaçons que pesam sobre Francisco Camps no caso Gürtel".

Acció Cultural aguentou até o limite a pressom política, mas a sua situaçom actual é crítica, até ao ponto de nom ter dinheiro para fazer o tradicional concerto de 25 de Abril. E assim as cousas, iniciou umha campanha de recolha de fundos, como 26 anos atrás, mas nesta ocasiom para simplesmente garantir a própria continuidade de uma associaçom cultural sem ánimo de lucro, afogada pola perseguiçom política de um partido acusado de corrupçom.

POVOS

A Bretanha, esgaçada em cinco departamentos de duas regions francesas diferentes, luita pela reunificaçom e por maior autonomia na França

Breizh: a outra Fisterra

FERNANDO ARRIZADO / Séculos de férreo centralismo francês nom conseguírom diluir por completo a identidade de um povo que, porém, vê como cada mudança geracional varre outra mancheia de bretom-falantes. A Bretanha, esgaçada em cinco departamentos de duas regions francesas diferentes, luita pela reunificaçom e por maior autonomia numha França que mesmo se recusa a ratificar a Carta Europeia das Línguas Minorizadas. O bretom, trazido por migrantes da Gram Bretanha no séc. V, está emparentado com o córnico e o galês. Sem reconhecimento oficial por parte do Estado e quase sem presença nos meios, é, no entanto, usado por mais de 300 mil persoas.

Neste panorama, cumpre salientar o bom resultado do nacionalismo bretom nas cantonais francesas de março, com a eleiçom de dous conselheiros gerais do partido Mouvement Bretagne et Progrès em Ar Mor-Bihan e em Penn ar Bed (a Fisterra bretoa). Naquele obtivo mais de 50% dos votos na primeira volta; no último, somou 43% dos votos, de maneira que foi preciso ir à segunda volta, mas como única candidatura, depois da renúncia do Parti Socialiste.

A ligaçom galaico-bretá é mui forte, e abundam as semelhanças. A Bretanha baseia a sua economia no turismo e na indústria alimentar (é a maior potência pesqueira do Estado e produz o refresco Breizh Cola). Também na gastronomia: a nossa filhó tem o seu equivalente bretom na *krampouezhenn*.

> 'Emsav' integra as organizaçons nacionais bretás

A literatura galega está cheia de referências à cultura bretá: Castelao constatou que *As Cruzes de Pedra na Bretanha* eram iguais que *As Cruzes de Pedra na Galiza*. Cunqueiro guiou-nos polo país n'*As Crónicas do Sochantre*. E para lá fugimos, com o Amaury, o preso político bretom ao qual Méndez Ferrín deu vida em *Bretaña, Esmeraldina*. E a temática artúrica é recorrente nestes e noutros autores.

O movimento bretonista ou *Emsav* ('Ressurgimento'), nascido no séc. XIX, integra de forma nom oficial as organizaçons culturais e políticas nacionais. A Uniom Democrática Bretá, o Movimento Republicano Irlandês e a Uniom do Povo Galego assinárom em fevereiro de 1972 a *Carta de Brest* nesta cidade da Bretanha. O objetivo, a luita por estados socialistas independentes numha Europa unida.

ALÉM MINHO

O movimento surgiu empurrado por dous fenómenos artísticos: as músicas de Deolinda e a intervençom dos Homens da Luta

GRANDES MANIFESTAÇONS DESENHAM UM NOVO PANORAMA DE OPOSIÇOM À MARGEM DOS PARTIDOS

“Geração à rasca”: o valor reivindicativo da juventude mais despolitizada em Portugal

E.S.M. / Portugal, o país dos ‘brandos costumes’, nom é a Grécia. Lembrando a revoluçom que disparou cravos em vez de balas, esperava-se mais qualquer iniciativa colorida que o exercício de umha violenta resposta popular contra a crise. E é isso que está a acontecer, por enquanto.

A chamada “geração à rasca” (“sem um peso”) surgiu empurrada por dous fenómenos artísticos. Por um lado, Deolinda, umha banda de música portuguesa cujas letras combinam sensibilidade e certo sabor interventivo. Em janeiro apresentou umha cançom (‘Parva que eu sou’) a denunciar a precariedade juvenil que de seguida se converteu num hino reivindicativo. Por outro lado, os Homens da Luta, um dueto de humoristas dedicados a fazer boicotes televisionados ali onde houver políticos. A sua popularidade aumentou tanto que se candidatárom para representar Portugal na Eurovisom, algo que conseguírom este ano com umha cançom que anima as pessoas a saírem à rua. E chegárom as manifestaçons de março, com cerca de 300.000 pessoas em dezenas de cidades.

Com 31 deputados, os partidos à esquerda da socialdemocracia conservam grande força em Portugal. À margem deles a mobilizaçom popular tem sido quase inexistente, e isto torna digna de estudo a “geração à rasca”. Poderá atribuir-se-lhe interclassismo apolítico infantil, mas já contribuiu para algo extraordinário: que a opiniom das classes médias portuguesas se identifique com umha soluçom de esquerda ao colapso, ao contrário do Estado espanhol, em que o discurso populista anticrise é de direita. Assim o veem dous militantes:

HOMENS DA LUTA
Vasco Duarte e Nuno 'Jel' componhem o grupo de intervençom

O significado da mobilização

António Alves da Silva

A grande manifestação convocada sob o lema da «Geração à Rasca», e a enorme mobilização popular ocorrida em muitas cidades portuguesas, algumas delas que nunca tinham visto uma manifestação, revela acima de tudo o descontentamento, o mal-estar e a angústia que envolvem milhões de portugueses.

É certo que a iniciativa partiu de um grupo de jovens, com cursos superiores terminados, que não encontram emprego, e destinava-se a todos quantos se reconheciam nessa situação precária. Mas a ação rapidamente transbordou a todos os afetados pela crise social, desde os estudantes, estagiários, jovens trabalhadores precários, empregados com contrato a prazo, e até trabalhadores da administração pública que viram o seu salário reduzido por decisão governamental.

Mas um outro factor existe para explicar a grande mobilização popular, mas que é, simultaneamente, o seu ponto fraco. Falamos do caráter apartidário e não-programático da iniciativa. Se isto permitiu, por um lado, o envolvimento de todos (desde anarquistas, marxistas-leninistas até aos grupos sociais direitistas, sem esquecer os da extrema-direita), a verdade é que, sem coesão ideológica nem projeto político, a iniciativa estará condenada a esgotar-se num ato simbólico, com significado sociológico mas sem resultados políticos.

> “Houve mobilizações em algumas cidades que nunca tinham visto uma manifestação, o que revela o mal-estar de milhões em Portugal”

Não obstante, há um aspeto que deve merecer atenção. Falamos da politização dos jovens. Numa época em que as camadas juvenis manifestam uma completa despolitização, senão mesmo uma crónica falta de interesse pelas questões sociais, económicas e políticas, resultante de uma socialização despolitizada, a adesão e o envolvimento de muitos jovens numa manifestação deste género constituiu para muitos deles a sua primeira aula de educação política. Resta saber, quantas mais aulas estarão estes jovens interessados em ‘frequentar’ para compreenderem que o capitalismo não funciona.

Em modo de gestão

André Rodrigues

No momento em que escrevemos, na noite de 6 de abril, o primeiro-ministro acaba de anunciar ao país o contrário do que afirmou numa entrevista, há cerca de 48 horas: Portugal pedirá mesmo ajuda externa.

Porquê a mudança tão súbita? É que os barões da alta finança que, nestes últimos dias se passeiam na televisão como comentadores de serviço, afirmaram entretanto, a uma só voz, que Portugal não poderia deixar de recorrer à ajuda externa. Quem tivesse dúvidas sobre quem manda no país, tem aqui uma prova inequívoca, afirmou um deputado comunista e parece-me difícil de contestar.

Na perspetiva da banca que, em boa parte, beneficiou de quantias obscenas vindas do erário público e que agora clama a intervenção externa, que, como bem sabe, significa a imposição cruel de sacrifícios desmedidos sobretudo às classes mais desfavorecidas, faz todo o sentido esta traição. Os bancos precisam de liquidez, já. E o povo? E os sacrifícios que estão a ser impostos aos gregos e aos irlandeses? Todos temos que fazer sacrifícios, respondia, há dias, o Presidente da República.

O que dizem os partidos? Excluindo os dois que, no discurso como nos atos, mantém alguma ligação ao país real, o PCP e o BE, o espetáculo é indecoroso, provando que é sempre possível descer mais baixo.

O Governo PS, em «modo de gestão», logo que foi chumbado o chamado PEC IV, o último pacote de medidas de austeridade, que apertaria ainda mais o garrote aos trabalhadores e aos mais desfavorecidos, responsabiliza a oposição pela situação portuguesa nos mercados financeiros. O mesmo PS que, a par do PSD e, também, do CDS/PP, arruinou o tecido produtivo português e nos colocou tão dependentes das importações e da volubilidade dos mercados.

> “Têm surgido movimentos diversos que atestam descontentamento, mas nem sempre de forma clarividente”

Entretanto, muito se fala, nomeadamente nas redes sociais, do que será, nas eleições de 5 de Junho, a participação dos portugueses. Muitos, mas mesmo muitos se têm mobilizado pela alternativa a estas políticas. Por outro lado, entre as novas gerações têm surgido movimentos diversos, que atestam descontentamento e repúdio pelas mesmas, mas nem sempre de forma clarividente. Há que estar atento, assumir a luta nas suas variadas formas, sendo que uma delas é não deixar que os outros decidam por nós.

EM ANÁLISE

Desde 1973, momento em que é ideada a construçom da central, até 1979, os movimentos populares desenvolvem-se vertiginosamente

TORNA À ATUALIDADE A LUITA DA MARINHA QUANDO ESTÁ PARA CHEGAR O SEU 32º ANIVERSÁRIO

Desfeita nuclear no Japom recupera a lembrança da luita contra a central de Jove

No vindouro mês de maio vai fazer justo trinta e dous anos das últimas mobilizaçons populares contra a central de Jove, na Marinha, batismo dum movimento antinuclear autóctone que continuaria, logo, com a luita contra os vertidos radioativos na fossa atlántica. A oposiçom social, que fijo confluir a causa galega com a reivindicaçom ecologista, já enfrentara na altura um discurso desarrolhista bem armado com o apoio de todos os poderes.

JORGE PAÇOS / Corria o ano 1979 e o nacionalismo popular continuava a sua maridagem com os conflitos que, aqui e alô, erguiam a bandeira da defesa da Terra. O peso importantíssimo da populaçom labrega, a mocidade dos núcleos ativistas e umha importante achega proletária compugeram um cóctel inédito que fazia do movimento galego um fenómeno preocupante para o poder espanhol. Assim o entendêrom as elites políticas e económicas que, decididas a erguer um negócio nuclear numha zona periférica do país, se lançárom a umha intensa campanha propagandística em favor do progresso a todo o custo.

Os inícios do projeto

As mudanças, até o dia de hoje, foram radicais. Mas se atendermos ao discurso do lobby nuclear, as cousas nom mudaram tanto. “Se na central de Jove ocorresse um acidente, nom aconteceria nada”, afirmava na altura o representante da Unión Fenosa. Valendo-se dum desarrolhismo ainda rudimentar, o dirigente insistia na necessidade de mais produçom elétrica para umha Galiza “que deixará de ser auto-suficiente”, e que precisaria de novas injeçons energéticas: “nos lares galegos passou-se de consumir 40 watts diários para 4000, e isso precisa de resposta”.

A elétrica galego-espanhola adquirira em 1973, junto com a Hidroeléctrica del Viesgo e a Hidroeléctrica del Cantábrico, uns terrenos em Regodela, ao alento do 'Plano Energético Nacional' que vinha de aprovar o franquismo. O projeto, umha central de quatro geradores de 900 megawatts, que faria da praia de Morás umha lixeira mortífera.

Vivia-se em plena agonia do ditador, poucos anos depois, os técnicos da Fenosa começavam as mediçons nos montes de Suanzes e Souto, enquanto caciques e dirigentes locais moviam os seus fios para garantir a tolerância da populaçom marinhá: o alcalde, prometendo umha mediaçom com o o governador civil, o crego de Vila Chá assegurando o convencimento dos fregueses, ou mesmo o Concelho de Viveiro, que oferecia a anexaçom aos jovenses e vários milhons de pesetas se estes venderem o monte comunal. Apesar das pressons de todo tipo, incluídas as orquestradas polos opinadores de *La Voz de Galicia*, o contexto da época nom favoreceu os desarrolhistas: desde 1973, momento em que é ideada a construçom da central, até 1979, ponto álgido da oposiçom, os movimentos populares sem tutela institucional desenvolvem-se vertiginosamente na nossa terra. E precisamente no 1979 tem lugar nos Estados Unidos o acidente da central de Harrisburg, que ameaça uma área de centos de kilómetros e a saúde de centos de milhares de pessoas. Sete anos antes de Chernobil, a energia nuclear começa a ser posta seriamente em causa.

Artelhamento da oposiçom e marcha sobre Jove

Como em boa parte das vilas médias da Galiza, o nacionalismo artelhara em Viveiro umha eficaz plataforma de lançamento através do associativismo cultural. Na Marinha funcionava 'Sementeira', porta de entrada na causa galega de dúzias de moços e moças que daquela entravam pola primeira vez em contacto com a açom organizada. Este coletivo, junto com a precursora sensibilizaçom ambientalista de Pedro Costa Morata, engenheiro que descobre os planos ocultos das hidroeléctricas, acende a faísca que logo prenderá: a assembleia na antiga sala de festas 'Os Verxeles' congrega vários milhares de pessoas e dá a palavra a conhecidos professores universitários santiagueses, que visibilizam a identificaçom de parte das elites intelectuais da época com as reivindicaçons mais combativas. O seguinte capítulo, mais conhecido, é a marcha sobre Jove, um dos atos mais rememoriados e narrados do nacionalismo recente. É um dia de abril de 1977 quando as Comissons Labregas convocam as suas bases e, apoiadas pola UPG, ANPG e ERGA, percorrem onze kilómetros entre Viveiro e Regodela baixo umha escolta férrea da Guarda Civil. Num tempo onde as distáncias ainda pesavam, o nacionalismo logrou congregar milhares de pessoas -parte delas labregos- numha das áreas mais isoladas da Galiza.

> A marcha contra a central percorre onze quilómetros entre Viveiro e Regodela

Batalha para a memória

As imagens da marcha, que passárom à posteridade graças à filmaçom de Carlos Varela, transmitem mui fielmente o entusiasmo militante daqueles anos, onde qualquer obstáculo semelhava pequeno se a causa se cria justa. Mais obscurecidos pola memória seletiva ficárom outros factos daquele dia, como a tentativa do PCE (recém legalizado) de monopolizar as imagens na televisom sobre o próprio ato. O eurocomunismo monárquico, recém-estreado, inaugurava também a prática de recuperaçom das mobilizaçons populares e de apropriaçom espetacular dos protestos. No campo nacionalista e da esquerda radical, a lembrança orgulhosa dos feitos tapou outras desavenças menos gloriosas. Algum militante de ERGA lembrava há pouco como procuravam o enfrentamento físico com o MCE por levar 'bandeiras galegas sem estrela'. E a revista *Teima*, tam firme na denúncia do colonialismo como na fiscalizaçom dos delírios sectários, editorializava duramente sobre os choques internos: “Jove mostrou-se-nos precisamente como exemplo de claridade do que justo, nom deveria suceder nunca mais. (…) A escalada da inconseqüência: o arribismo eleitoralista a conta, há que dizê-lo já, da mesmíssima miséria e incerteza dos labregos, e da desenfreada, cega, luita cúmio arriba entre organizaçons -políticas e sindicais do galeguismo- que teoricamente assumem funçons bem distintas”.

De Jove a Fukushima

Seja como for, a constáncia mobilizadora dos anos 1977-1979 deixou para o futuro umha herança de dignidade coletiva que ninguém pom em dúvida, mesmo se a luta foi auxiliada por um acaso imprevisto: em finais dos anos 70 descobriu-se por baixo dos terrenos que albergariam a central umha falha geológica. Junto com a decidida oposiçom e a negativa do alcalde a conceder os terrenos, bastou para o governo de Felipe González cancelar o projecto de instalaçom em 1984.

Três décadas depois, a Galiza continua livre de nucleares, mas sob ameaças mui presentes. Ressoam ainda as palavras de José Blanco, ministro do PSOE, ao chamar à vizinhança do seu concelho natal de Palas a acolher umha lixeira de resíduos nucleares. Umha pretensom semelhante à de vários Concelhos espanhóis, atenazados polo despovoamento e o esquecimento estatal. É precisamente o marasmo demográfico e social da Galiza interior que afia os dentes da Sociedade Nuclear Espanhola, confiante numha nova vaga de construçom de centrais nucleares. Nom é por acaso que o lobby se reuniu em novembro passado em Compostela, com a esperança posta num futuro levantamento do veto nuclear auspiciado pola extrema direita. Fukushima congelou os entusiasmos, mas estes reaparecerám assi que a desmemória figer o seu trabalho.

> Três décadas depois, a Galiza continua livre de centrais. No entanto, José Blanco sugeriu Palas para umha lixeira nuclear

A continuidade da ameaça, a aposta dos três grandes partidos nas térmicas de carvom, e a entrada de praticamente toda a populaçom galega no vieiro do esbanjamento energético nom permitem demasiado triunfalismo. Às portas dum colapso ambiental reconhecido polos próprios dirigentes, ainda é incerto que umha maioria social aposte em descer do comboio antes de o descarrilamento ter-se consumado.

DITO E FEITO

"Deve existir discriminaçom positiva para as embarcaçons tradicionais: ademais de desporto trabalhamos na recuperaçom do património"

UXÍO ALLO É UM DOS DIRIGENTES DA ESCOLA AROUÇÁ DE NAVEGAÇOM TRADICIONAL DORNA

"Nom podemos deixar esquecer a vida do mar, a gente nova deve saber de onde vem"

O. ROMASANTA / Ensinar a navegar pode ser muito mais que desporto, muito mais que lazer. O legado da Galiza marinheira está hoje, em boa medida, nas maos do associacionismo costeiro, que através de cursos formativos e aulas de navegaçom tradicional está transmitindo um modo de vida que as águas da modernidade quigérom afogar. A Escola de Navegaçom Tradicional Dorna (integrante da A.C.D. Dorna, da Arouça) foi pioneira no país e ainda continua a ser a maior, mas muitas outras vilas seguírom o seu exemplo resgatando os velhos barcos para usos novos, para gente nova. Conversamos com Uxío Allo, marinheiro da Arouça e um dos dirigentes da escola, sobre a boa saúde da navegaçom tradicional galega, que daqui a alguns meses celebrará em Carril "a grande festa das embarcaçons tradicionais".

Como nasce a ideia de criardes umha associaçom centrada na navegaçom tradicional?

A Escola de Navegaçom é umha secçom da ACD Dorna, que está em ativo desde o ano 75. Outras secçons som a de baile e música tradicional, a revista, ou a de basket. A parte dedicada à navegaçom e às embarcaçons tradicionais pujo-se em andamento em 2001, ainda que um grupinho de gente da zona já andássemos a dar voltas à ideia desde 1999. Decatamo-nos de que as embarcaçons em que trabalhávamos de cotio podiam abandonar o motor e os remos e introduzir a vela nas velhas dornas, de maneira que nos pujemos maos à obra. Ademais, as aulas de navegaçom estavam mui solicitadas por gente com dinheiro, mas nós decidimos que isso nom devia ser assim e que este saber tinha que chegar a todo o mundo; foi assim como nos juntamos, começando com seis dorninhas e mais umha embarcaçom que nos cedeu a Conselharia. Aí começou um trabalho de recuperaçom mui intenso, indo porta por porta recolher velhos panos guardados nos faiados e o saber da gente velha. É assim que foi possível, logo, fazer aquela primeira regata de dornas à vela na Ilha da Arouça, que retomava a tradiçom das regatas de toda ria. O êxito da Escola e as competiçons foi tremendo!

E há na Galiza muitas escolas mais como a vossa?

Há, sim, muitas. Estám organizadas entorno à Federaçom Galega pola Cultura Marítima e Fluvial, e se nom recordo mal agora som 45 as associaçons que formamos parte dela. Do 30 de junho ao 3 de julho deste ano terá lugar o X Encontro de Embarcaçons Tradicionais da Galiza, um evento mui interessante que se fai cada dous anos, e a que concorrem umha média de 150 ou 160 barcos. Nós somos quiçá a associaçom deste tipo mais grande, porque contamos com 44 embarcaçons, entre as quais temos dornas e outros tipos, ademais de 200 sócios.

"A maioria da gente que solicita os cursos som mulheres de entre 25 e 50 anos"

Qual é o perfil de quem solicita os cursos e em que consistem?

A maioria som mulheres entre 25 e 50 anos; os homens na associaçom apenas seremos 30%. Nom todas as pessoas som da costa, temos sócias em Cela Nova, Ourense, Vigo, Madrid,... A gente gosta de aprender a navegar para vir nos meses do verao, ainda que todos som conscientes de que ademais de lazer estamos fazendo um trabalho de recuperaçom do património. Os cursos pode solicitá-los qualquer associaçom ou grupo; o patrom recebe arredor de 160€ para os gastos básicos e dura seis dias. Nesse tempo aprende-se o básico, porque ao ser muita da gente do interior nom tenhem a formaçom elemental do

mar, as partes dum barco, ou os tipos de embarcaçons. E depois disso continuam em contacto connosco para saírem ao mar, que é onde se aprende. Qualquer pessoa tarda três ou quatro anos a aprender de verdade, de maneira que os seis dias se entendem como um primeiro achegamento.

Tendes protestado pola situaçom legal das embarcaçons tradicionais. Resolvêrom-se as vossas demandas na atualidade?

A verdade é que nom. Continuamos reivindicando o mesmo: mais atençom ao nosso trabalho, que, para além de desporto, para além de lazer, para além de modo de vida, é recuperaçom do nosso passado. Exigimos legislaçom específica, já que consideramos que deve existir umha discriminaçom positiva do nosso terreno por se tratar dumha parte do património do País, em concreto do relacionado com a Galiza marinheira. A resposta é umha total inércia legislativa, e a situaçom atual de crise também nom nos favorece.

Neste sentido, qual é a vossa relaçom com a administraçom? Recebedes subvençons?

Nada de nada. Desde há cinco anos nom temos nengum tipo de subvençom pola nossa atividade, apesar de que os custos de adquisiçom e manutençom das embarcaçons som altos. Quando o bipartido estava na Junta apoiava-nos mais, mas com a mudança de governo a situaçom mudou de todo. Temos a suspeita de que na Deputaçom tenhem um retrato nosso pendurado e quando nos vem chegar já miram para outra parte... Sabes qual é o problema? Que temos muito orgulho, e estes estám acostumados a que lhe lambam o cu por dinheiro.

"Desde há cinco anos nom temos nengumha subvençom pública"

Que funçom social considerades que tem o vosso trabalho?

A nossa funçom social é ensinarmos aos mais novos de onde lhes vém todo o que tenhem, de onde venhem. Que entendam o seu ambiente e o conheçam. Temos a responsabilidade de nom deixar esquecer a vida do mar, porque se nós o fazemos, irá esmorecendo até desaparecer.

A turistificaçom é umha das maiores ameaças da costa na atualidade. Afeta-vos diretamente na vossa atividade?

Nós, aos turistas, afogamo-los! Nom, agora a sério, a verdade é que nom temos esse problema. As embarcaçons de recreio estám aí e cada vez requerem mais espaço, mas por agora nós temos o nosso espaço bem reservado e ninguém se veu meter nele.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

A DENÚNCIA

David Troncoso compatibilizou os cargos de representante da Pescanova no país africano com as funções de cônsul honorário de Espanha

Diplomacia da Junta ao serviço da espoliação empresarial galega nas águas moçambicanas

EMPRESÁRIOS LIGADOS À ÓRBITA DO PSOE, PRINCIPAIS LUCRADOS POLA AÇOM TRANSNACIONAL

"Pescanova – A marca da Revolução", é assim que se apresenta na sua web esta companhia galega que tem importantes negócios em Moçambique desde a independência da ex-colónia portuguesa, onde nos últimos anos tem investido cerca de 35 milhões de euros em estaleiros, armazéns e numa frota duns 30 barcos. A Pescamar, sua filial no país, é líder no setor pesqueiro e captura cerca de 3.000 toneladas de camarão cada ano. Em 2009 começaram as suas atividades piscícolas. Na Galiza, a empresa forjada nos lucros do franquismo e o volfrâmio, goza ainda hoje de certo verniz "galeguista" recentemente renovado através daquilo que alguns querem ver como um exemplo das "potencialidades da lusofonia" para os negócios internacionais.

ALFONSO PAZ-ANDRADE é conselheiro da Pescanova e presidente do Xornal de Galicia SA

R.C. / A presença da pesqueira em Moçambique é tal que David Troncoso compatibilizou no primeiro lustro de 2000 os cargos de representante da Pescanova na cidade da Beira com as funções de cônsul honorário de Espanha. A Pescanova tem também a duvidosa honra de representar a área das pescas do Conselho Consultivo da Câmara de Comércio de Moçambique, presidida por João Américo Mfumo, personagem envolvido em obscuros negócios com traficantes de armas e narcotraficantes, investigado a fundo pelo *Canalmoz*. Em 1980 a Pescamar já ganhou uma posição privilegiada, passando a deter 43% da companhia estatal Emopesca (Empresa Moçambicana de Pescas) quando esta é privatizada.

Cobertura diplomática

Um dos melhores conhecedores do país é Alfonso Paz-Andrade, conselheiro da Pescanova. É graças a ele que estão a chegar agora a Moçambique empresas de amigos seus como Manuel Rodríguez 'Rodman' e Jacinto Rey. Os negócios da Pescanova têm beneficiado de cobertura diplomática desde os tempos franquismo até aos nossos dias. O momento mais pitoresco ocorreu na visita em 1995 do ministro moçambicano das Pescas Carlos Agostinho do Rosário à Galiza, quando Fraga lhe expressou "com toda a franqueza, um especial sentimento de irmandade, porque, afinal, falamos a mesma língua". De facto, Fraga arranjou para a empresa galega 25% da quota de novas espécies marinhas achadas no litoral moçambicano.

Da Pescanova à San José

Em fevereiro deste ano Alfonso Paz-Andrade foi designado novo presidente do Conselho de Administração do Xornal de Galicia SA, cujo acionista maioritário é a Udramedios, filial do Grupo San José de Jacinto Rey. A nomeação foi considerada como sendo mais um passo na aproximação do *Xornal* ao PSOE. Ainda nesse mês, a San José "desembarca" em Moçambique sob seu patrocínio. Em novembro de 2010 Jacinto Rey reuniu-se em Madrid com Armando Emílio Guebuza, presidente da República de Moçambique. Um mês antes, uma manifestação em Maputo contra Guebuza tinha acabado com disparos da polícia, assassinando uma criança e seis adultos, e ferindo 248 pessoas.

Em fevereiro devolve-lhe a visita. Desta vez, conversa também com Cadmiel Muthemba. Cadmiel, agora facilitando a entrada da San José, em qualidade de ministro das Obras Públicas e da Habitação, tal como o fora das Pescas, dando um trato privilegiado à Pescanova.

Jacinto Rey voltou do país africano com adjudicações para construir infra-estruturas estatais, tais como 100.000 habitações sociais, um macroprojeto de moradas para funcionários públicos, 150 quilómetros de vias públicas, pontes de via dupla e 3,5 km de cumprimento, uma urbanização de 600 hectares em terreno rural, a criação de um macrocomplexo turístico perto de Maputo, e várias barragens hidráulicas. Não surpreende que, segundo *Infomercados*, o Grupo San José se tenha revalorizado no ano em curso quase 11%.

> Pescanova colocou-se como líder em 1980 ao privatizar-se a sociedade Emopesca

Cadmiel Muthemba, a ligaçom

Em meios alternativos na Rede foram denunciados os numerosos "interesses empresariais" deste ministro –incluindo "algumas empresas pesqueiras do país". O filho, Celso Cadmiel, é o seu testa-de-ferro desde há anos. Cadmiel Muthemba protagonizou vários episódios em que beneficiou a Pescanova, como quando rejeitou atender as reclamações das populações marinheiras de Pebane, Moma e Angoche, que reclamavam que o arquipélago das Ilhas Primeiras e Segundas fosse declarado Reserva Marinha, de modo a preservar a pesca tradicional da espoliação industrial. Em vez disso, preferiu iniciar em 2008 um projeto destinado a reconverter pescadores artesanais em peões para a aquacultura do camarão controlada em 40 por cento pela Pescanova. No distrito de Angoche, o citado Mfumo tinha sedeado em 1998 a sua Sociedade Pesqueira de Angoche, em que a Pescamar tem investimentos de 60 por cento.

Muthemba assinou numerosos contratos e convénios muito favoráveis para as empresas coloniais galegas. Em 2006 a ministra galega Elena Espinosa visitou o ministro Cadmiel na sua terra, acompanhando Paz-Andrade. Este último referia que foi "uma das cousas que lhe pedi [à Ministra], assim que soube que fora nomeada". Conseguiram que o ministro pusesse à disposição da Pescanova 250.000 hectares de água doce para procurar a melhor localização para viveiros de panga, um dos peixes principais do mercado pesqueiro mundial. Em 2008 reafirmam os acordos na visita de Cadmiel à Feira da Conxemar em Vigo, numa reunião em Chapela.

Rodman envia barcos para a Marinha de Guerra moçambicana

Apenas um mês mais tarde, em 13 de março, dez barcos-patrulha partiam do aeroporto de Peinador num avião Antonov 124-100M rumo a Moçambique. Fabricados pela Neuvisa, filial da Rodman, cujo seu custo é estimado em cerca 5,5 milhões de euros. A "Operação Antonov" precisou dum dos aviões de carga maiores do mundo e duma mobilização de pessoal sem precedentes no aeroporto. Segundo o *Faro de Vigo* seguiam a bordo altos cargos da Rodman e da Pescanova, bem como quatro militares moçambicanos e outros tantos instrutores espanhóis, destinados a dar cursos para os futuros pilotos –segundo o *El Mundo*, no porto desportivo de Ponta Lagoa (Teis) e ocasionando alguma avaria.

A soberania política dum dos países mais pobres do mundo face a uma das maiores empresas pesqueiras mundiais volta a ficar em causa: a frota é destinada à Marinha de Guerra moçambicana –como tal ia rotulada–, mas com a finalidade de defender dos "piratas" da frota da Pescanova no Índico.

Rodman, o narcotráfico e a ministra das Pescas

Uma das pessoas que mais tem puxado pelos negócios galegos em Moçambique é Elena Espinosa. A sua carreira é paradigmática: passou de adjunta à presidência da Rodman para o Ministério espanhol da Agricultura, Pescas e Alimentação, em cuja qualidade fez a referida visita ao país africano. Foi enquanto ministra que, em 2007, Elena Espinosa condecorou com a medalha d'Ouro do Clube Financeiro de Vigo o presidente da Rodman, distinção que veio acompanhada de 12 milhões de euros em adjudicações. As relações da Rodman com o narcotráfico foram pormenorizadas no NOVAS DA GALIZA nº 30.

Conflitos com a Pescamar

A Pescamar teve ainda outros conflitos em Moçambique, que chegaram ao conhecimento da imprensa galega. Durante o seqüestro do "Vega 5" os empresários galegos presentes em Moçambique desatenderam as famílias dos marinheiros, remetendo-os à sede da empresa na Galiza, o que ocasionou protestos na cidade da Beira perante a sede da Pescamar. No ano passado as chamas consumiram, em menos de seis meses, três embarcações da Pescamar no porto da Beira, duas delas logo antes do começo da época de pesca. José Vilas, diretor executivo, informou que seriam apuradas as causas, mas evitou mencionar a hipótese da sabotagem.

PALESTRA

A próxima apariçom do primeiro filme pornográfico em galego reabre debates a respeito deste género cinematográfico

A coerência nom se hipoteca

Maria Touza

"Unha mulher nom é mais livre por rejeitar mil pretendentes que por fazer dous *bukkakes* semanais. Nem por fazer um *gangbang* diário, nem por lamber esperma coletivo do chao, nem por penetrar um feixe de homens e mulheres com um arnês com forma de pénis, nem por ser sodomizada atada a quatro patas". Estas som as declaraçons de Alejandro Tobar, ideólogo do primeiro filme porno em galego que, ademais de "normalizador", "foge do sexismo", segundo declarárom os guionistas em numerosos meios. A polémica provocada pola rodagem d'*O divino ferrete* (ou, por melhor dizer, pola falta dela) pom em riba da mesa várias qüestons que urge discutir no movimento: umha é a do porno; a outra a do galego.

A crítica mais óbvia e irrefutável que pode ser feita a este projeto, nascido no seio da Galegolab, decorre do machismo que marca as relaçons apresentadas. *O divino ferrete* é um filme que reproduz totalmente o discurso pornográfico predominante, falocéntrico, pensado por e para homens, com personagens femininas submetidas à sexualidade masculina ainda nas cenas lésbicas, em que trabalham célebres escritores (entre eles dous prémios Xerais) para compor um guiom de segundo de primária. Com certeza, o tema da pornografia pode analisar-se de perspetivas mais interessantes: existe um porno nom sexista? Quereriamo-lo para algo ou ainda assim difundiria um jeito de viver a sexualidade com o que nom concordamos? Seja como for, esse é um debate complexo que de certeza este filme nom abre.

A outra qüestom com que enlaça diretamente é a da normalizaçom do idioma, um tema de vital importáncia no nosso trabalho militante. Cheira menos a merda em galego? Devemos priorizar a normalizaçom dum idioma constatemente atacado introduzindo-o em ámbitos com que nom concordamos? Queremos cárceres em galego, umha polícia própria que também o fale? Que cárceres, polícias ou o porno estejam em galego pode ser um sinal de saúde do idioma, mas desde logo essa nom deveria ser a nossa luita. Nom, a normalizaçom nom está por riba do mundo que intentamos construir dia a dia, livre, soberano, onde o machismo nom tenha cabimento; a coerência nom se deve hipotecar. E ainda, para quem a normalizaçom for umha prioridade absoluta, fica muito por fazer em ámbitos com que, com efeito, concordamos: falta galego na escola, na música, nas lojas, no desporto, nos livros, nos filmes; faltam iniciativas que o promovam, para as quais os 3.000 € gastos na realizaçom deste filme nom viriam nada mal.

> O que se apresenta como crítico com a moral bem-pensante é mais um produto de consumo

> Reproduz-se totalmente o discurso pornográfico predominante, pensado por e para homens

O que mais surpreendente me resulta é a quase total ausência de críticas a este projeto, umha cumplicidade que me fai pensar nesses novos credos pós-modernos onde és reaciónaria por nom gostares do porno, teres umha relaçom estável ou preferires o sexo na intimidade. O que se apresenta como conservador e crítico com a moral bem-pensante nom é mais que um outro produto de consumo, onde até os corpos e as relaçons fam parte do capitalismo. Considero que esta é umha iniciativa machista, que se repercute negativamente na construçom dumha sexualidade livre, e que prioriza erradamente a normalizaçom sobre os demais ámbitos das nossas vidas. Porém, ainda para quem creia que o porno em galego deve existir, este projeto é desnecessário: sempre nos ficará a lusofonia, essa fonte desaproveitada em que o nosso idioma está totalmente normalizado. Também nos cárceres, a polícia, e o porno.

Porno sim, mas nom assim

Josefa do Val

A produçom dum filme em galego nom deixa de ser, desde logo, umha boa nova. E é boa, porque a produçom cinematográfica em galego é bem minoritária. Porém, parece que a estreia de "O divino ferrete" está a ser polémica, polo feito de ser esta umha película pornográfica. Ao estar o filme ainda por estrear, semelha que o debate é melhor centrá-lo na própria pornografia mais que no argumento do filme. Para analisar isto, acho que som precisas duas focagens:

A língua: A chegada do galego a um ámbito em que nom está presente é um passo adiante, é mais um triunfo para quem leva tempo apregoando a normalizaçom do nosso idioma. Mas o problema disto está em que normalizar quer dizer fazer normal, quer dizer que chegue a qualquer ámbito, com o qual, e ao ser bem habitual (e daninho) que as reivindicaçons idiomáticas sejam separadas doutras luitas, para o caso a dignidade das mulheres ou livre opçom sexual, fai que se produzam cousas como esta: que a reivindicaçom seja *recuperada* para empregar o galego em ámbitos cujas dinámicas som muitas vezes contrárias às dos coletivos normalizadores.

Um outro aspeto positivo de que existam produçons deste tipo no nosso idioma é que podem, e devem, ajudar a normalizar o vocabulário referente à sexualidade no nosso idioma, que no cotiá passa em excesso desapercebido.

O porno: a pornografia nom é um problema em si, é-o só aquele porno ao qual mais facil acesso como, aliás, ocorre com resto da produçom cinematográfica, literária e mesmo informativa. A prática totalidade da produçom pornográfica nom fai mais que reiterar estereótipos, exagerando os conceitos de masculinidade e feminidade, amostrando uns corpos escultóricos que nem de longe correspondem ao comum e, sobretodo, marcando mui bem quais som os roles que cumprem homens e mulheres, estes segundos marcados pola submissom, dentro das relaçons sexuais. Ademais, claro, de só refletirem relaçons heterosexuais, excluindo portanto o resto de opçons sexuais, e mesmo as mulheres em conjunto. Portanto, que um filme pornográfico com estas características seja rodado em galego tal como em qualquer outro idioma, é lamentável. E por que é lamentável? Básicamente porque, apesar da aparência liberal da nossa sociedade, a sexualidade nom deixa de ser um tabu, polo que na maior parte dos casos, entre a adolescência, um dos primeiros contactos com a sexualidade é através do porno. E se a aprendizagem de algo, de algo tam importante, decorre assim, é difícil mudar isto posteriormente. É pois hora, como em qualquer aspecto dentro do capitalismo, de colocar umha alternativa. Desde há anos, diversos coletivos artísticos, muitos deles ligados a movimentos sociais, estám a realizar produçons pornográficas em que os roles som equiparados, em que os corpos som de pessoas comuns e em que se incluem opçons sexuais antes vetadas, como o é o caso do coletivo transexual ou as lesbianas já que, porém, os filmes gay si que tiverom um boom comercial.

> Apesar da aparência liberal da sociedade, a sexualidade nom deixa de ser um tabu

> Se a aprendizagem de algo tam importante decorre assim, é difícil mudá-lo posteriormente

Em conclusom, e à espera de ver o conteúdo do filme, se este acaba sendo considerado um mais dentro da producçom pornográfica industrial, aguardemos que nos sirva para nom esquecer que as luitas nom se devem sectorializar e também a nom confiar absolutamente nenhum tipo de produçom artística, e de nenhum tipo, à, e valha a redundáncia, indústria do capital.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
S. Marinha · Ginzo de Límia

Arredista
Costa do Vedor · Compostela

C.S. Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

LSO Atocha Alta 14
Monte Alto · Corunha

Atreu!
S. José · Corunha

Aturujo
Principal · Boiro

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

C.S.O. Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

A Esmorga
Telheira · Ourense

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

C.S. Lume!
Gregório Espino · Vigo

Mádia Leva
Amor Meilám · Lugo

SRCD Palestina
Rua do Ril · Burela

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta
Rua Real · Vigo

CSOA O Salgueirón
Zona Massó · Cangas

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

Tarabela
Donramiro, 17 · Lalim

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CSA Xogo Descuberto
R. Salvaterra, Coia · Vigo

MEDIA

"Para visualizar as mulheres fai falta formar em estratégias, tanto para detetar o sexismo nos meios, como para elaborar informaçom nom sexista"

BELÉN PUÑAL É INVESTIGADORA EM COMUNICAÇOM E GÉNERO

"Tens que usar óculos lilás para abordar qualquer informaçom"

MARIA ÁLVARES / Apenas 25 por cento da informaçom geral publicada nos meios tem como protagonistas as mulheres e, quase sempre, aparecemos como objetos ou vítimas. Para combater esta tendência precisamos de formaçom mas sobretodo, de compromisso. Estes foi o objetivo das segundas jornadas sobre informaçom e género que decorrérom na Faculdade de Jornalismo organizadas por Belén Puñal, investigadora em Comunicaçom e Género no departamento de Ciências da Comunicaçom.

Como surgem as jornadas?
Achamos necessário criar um espaço na Universidade para darmos ao alunado a formaçom que lhe permita comunicar sob umha perspectiva de género. Nos currículos académicos está ausente esta perspectiva de género, que é mui necessária. Para visualizar as mulheres, para terminar com umha concepçom do saber androcéntrica, para facilitar ao alunado a possibilidade de se formar em estratégias, tanto para detetar o sexismo nos meios, como para elaborar informaçom nom sexista. O sexismo está tam naturalizado, que muitas vezes como jornalistas nom nos damos conta que estamos a reproduzir estereótipos sexistas.

Crês que é necessária a especializaçom das profissionais dos meios para tratar informaçons sobre género?
Sobretudo na informaçom desportiva, já que segundo a Associaçom de Mulheres Desportistas Galegas, apenas 2% das notícias desportivas som dedicadas ao desporto feminino. Tendo em conta isso, estabelecer umhas quotas mínimas nom viria nada mal. O primeiro de que precisas para poder informar segundo umha perspectiva de género é um compromisso e usar óculos lilás, ou seja, tens que olhar qualquer matéria que abordes com perspectiva de género.

As jornalistas também sofremos o patriarcado nos meios de comunicaçom...
A igualdade topa com um obstáculo mui importante, que é a corresponsabilidade. As mulheres incorporamo-nos no mundo do trabalho mas os homens nom se incorporárom na mesma medida no ámbito doméstico. Este problema dificulta muito o avanço das mulheres porque, chegado um momento das nossas vidas, vemo-nos obrigadas a sacrificar a nossa promoçom profissional pola vida privada. Nos meios isto multiplica-se porque o patrom que se segue é masculino. O bom jornalista é aquele que está 24 horas pendente das informaçons, que sai e vai tomar uns copos na boémia da noite. Para as jornalistas é mui difícil seguir esse patrom.

"O feminismo é mais necessário que nunca: o sexismo está naturalizado, chamam-nos 'feminazis'"

Que deveria mudar na abordagem das informaçons sobre violência machista?
A concepçom de violência machista é que só é violência física aquela que ocorre no ámbito da parelha. O que nom se entende é que essa violência existe por conseqüência da situaçom de desigualdade e discriminaçom das mulheres, e que os meios contribuem para perpetuar essa discriminaçom porque nos "cousificam". Sobre os anúncios, a resistência dos meios a eliminá-los foi ferrenha, porque representam umha fonte de rendimentos mui importante. Ademais, criam uns modelos que afinal nós mesmas acabamos por desejar. Dam os modelos do que tem que ser umha mulher de êxito. Umha mulher sujeita a certos cánones de beleza mui destrutivos e que moldam as próprias expectativas das mulheres.

É perigoso pensar que já o temos todo feito? Nom crês que às vezes o feminismo é apresentado como algo ultrapassado.
O feminismo nunca foi fonte legitimada para os meios. Nos anos 70 falava-se das feministas como lançadoras de susténs. Hoje fala-se delas como feminazis. O feminismo é mais necessário que nunca, porque o sexismo está naturalizado e precisamos desses óculos que nos permitam ver onde estám as desigualdades. Para porta-vozes da direita, o feminismo pertenceria ao passado, assim o dixérom no debate sobre a Lei da Família. A minha opiniom é que vivemos anos importantes de avanços em direitos e com políticas de igualdade, daí essa reaçom machista.

As mulheres nom temos referentes próprios. Os meios ajudam a isso?
A visom dos meios é androcéntrica e as mulheres estám invisibilizadas. Somos protagonistas como vítimas, estamos relacionadas ao mundo do espectáculo e agora já ao mundo da política. Mas continuamos invisibilizadas. Os meios focalizam os espaços de poder protagonizados por homens.

É curioso observar como se critica o machismo noutros países, como se nós já tivéssemos alcançado umha igualdade real.
Vemos a palha no olho alheio e nom no nosso. Isto responde ao androcentrimo e etnocentrismo. As informaçons que nos dam os meios dim: as outras culturas e a imigraçom som umha ameaça. Os homens imigrantes som delinqüentes e as mulheres imigrantes som vitimas ou da sua cultura (veio ou ablaçom) ou dos seus homens. Nas informaçons sobre violência machista se um homem doutro país maltrata a sua mulher, sempre se acrescenta a nota da sua nacionalidade, tudo isso contribui para formar esse imaginário do foráneo como perigoso. Os homens imigrantes som estereotipados mas também as mulheres. Curioso, já que estas som umha percentagem importante na populaçom imigrante e som mulheres que migram com um projeto próprio. Som mulheres agentes, já que tomam as rédeas do seu destino, nom vítimas.

Falemos por último de linguagem. Como é abordada polos meios?
É preciso um mínimo de formaçom, porque se critica a linguagem inclusiva sem realmente conhecer as estratégias que podem ser úteis. Nom podemos empregar nem as barras, arrobas, duplicar o masculino e feminino, mas há muitíssimas estratégias para nom ocultarmos as mulheres na linguagem: uso de palavras neutras ou uso de masculino/feminino. É questom de vontade e temos que eliminar os preconceitos de entrada. E porque nom nos havemos de dotar de livros de estilo a este respeito?
O esforço de mudar deve começar desde nós mesmas, mas também deve partir deles porque, senom, nom avançaremos. Nós temos que deconstruir a nossa aprendizagem, o que às vezes é mui duro, já que é questionar o que aprendeste, atitudes, o teu dia a dia. É pores em qüestom produtos culturais com que tens umha relaçom afetiva (contos, desenhos). Muitas mulheres estamos fazendo-o. Também os homens tenhem que pôr-se porque, senom, nom chegaremos a essa igualdade.

NOTAS DE RODAPÉ

Jornalismo e investigação

O *Pulitzer* galego foi a para WikiLeaks. O Colégio de Jornalistas interpreta que as filtrações da equipa de Julian Assange dão uma fortíssima subida ao apreço pelo jornalismo de investigação em todo o mundo e por isso lhe concede o Prémio José Couso.

Pois que nos também fazemos parte deste jardim de delícias governado pela OTAN, é do nosso interesse sabermos quanto devemos valorar na Galiza o magistério do jornalista australiano. Todos os meios de comunicação citaram alguns dos relatórios secretos do governo dos Estados Unidos pescados por Assange e distribuídos (com censura) por cinco diários amigos da Casa Branca.

Foi isto heróico? Para o caso, os meios apenas reproduziram alguns telegramas da WikiLeaks distribuídos por agências noticiosas. Às sedes dos jornais galegos chegaram em concreto os despachos da Associated Press traduzidos do inglês para o espanhol pela Agência EFE.

Meios franceses, entre outros, completaram com investigações próprias algumas revelações referentes à guerra do Chade; o governo de ultradireita de Israel salientara o temor da família Ibn Seud pelo programa de armas do Irão.

Em contrapartida, os meios que diariamente visitam o nosso mercado, não acharam ligações nem correlatos com interesses informativos próximos. Era a sua obrigação investigarem, por exemplo, filtrações referentes ao tráfego marítimo na costa da Somália, mas não deviam ter instruções dos redatores-em-chefe nesse sentido. Os comentários norte-americanos, revelados pela WikiLeaks sobre o assassinato de José Couso em Bagdad, também não foram reescritos nem contextualizados.

Ao lançar alvíssaras pelo fomento induzido pela WikiLeaks ao jornalismo de investigação, o Colégio de Jornalistas age com agudo sentido de antecipação. Sabe-se que diários e estações de Rádio centenárias galegas estão a organizar redações de investigação.

Se momentaneamente não informaram sobre o grau de amizade de Rajoy com o Clã Baúlo, nem da subseqüente expulsão do diretor do *Xornal de Galicia* por ter filtrado tão interessante relação do candidato de Aznar, é porque ainda não lhes foram instalados os computadores, compreendam.

A FUNDO

O grupo empresarial de novas tecnologias Plexus, criado em tempos de Fraga, recupera os lucros procedentes da Junta com Núñez Feijóo

Empresa de ex-altos cargos do PP elabora bases técnicas de concursos públicos que depois ganha

PLEXUS, GESTADA POR HOMENS DE PÉREZ VARELA, LUCRA-SE GRAÇAS AO TRATAMENTO PRIVILEGIADO DA JUNTA

A sociedade de novas tecnologias Plexus, liderada por ex-altos cargos do Partido Popular, goza dum tratamento privilegiado por parte da Junta de Alberto Núñez Feijóo, até tal ponto que chega a redigir os cadernos de condiçons técnicas para concursos públicos a que se apresenta e que, em consequência, ganha. Trata-se da empresa que começara a desenhar a web do Jacobeu antes de ser adjudicada e a mesma que introduziu irregularmente 60 empregados na Junta para gerir dados da Lei de Dependência. O Conselho de Contas constatou irregularidades nesta sociedade e numha das suas filiais por concessons relacionadas com a concepçom da Cidade da Cultura e a promoçom da Volvo Ocean Race.

H. CARVALHO / O santiaguês grupo Plexus, liderado por Antonio Agrasar Cascallar, beneficia desde a sua fundaçom nos tempos de Fraga dum tratamento privilegiado por parte das administraçons controladas polo Partido Popular, a base principal dos seus lucros. O NOVAS DA GALIZA tivo acesso a comunicaçons internas deste grupo que provam que foi a empresa encarregada de elaborar as bases de contrataçom de concursos públicos, dos quais veu a ser beneficiária, desenhando 'bases técnicas de contrataçom' feitas à medida, que lhe garantírom o sucesso na concorrência por trabalhos para a administraçom galega.

Um dos projectos recentes mais lucrativos para a Plexus foi o Plano Abalar, polo qual a Conselharia da Educaçom forneceu aos centros de ensino nom universitários computadores e meios tecnológicos. Só polo fornecimento de armários de carga para os portáteis de 2010 –neste ano aprovárom novas dotaçons que ultrapassam os 8 milhons de euros no montante global– obtivo umha adjudicaçom no valor de 951.210 euros. Esta publicaçom acedeu a documentaçom que prova a elaboraçom das bases técnicas para o concurso em fevereiro do ano passado. No mês de abril tornava-se pública a abertura do concurso e finalmente em agosto dava-se a adjudicaçom definitiva, com a antedita empresa como beneficiária.

Conforme as fontes consultadas, procedentes de ex-trabalhadores da Plexus, este *modus operandi* reproduziu-se na instalaçom das redes wi-fi do mesmo Plano Abalar de 2010 –no valor de 666.902,07 euros–, assim como no fornecimento de mateirais tecnológicos para diferentes Autoridades Portuárias. Asseguram que é umha prática habitual por parte da empresa para assegurar as injeçons de fundos das administraçons e através destas manobras ilegais é que se explica como, por exemplo, esta empresa começou a desenhar a web para o Jacobeu 2010 antes de se tornarem públicas as bases do concurso.

Informaçom privilegiada

Responsáveis das empresas deste grupo societário tenhem acesso a informaçons privilegiadas facilitadas pola Junta, de modo que as suas ofertas coincidam com precisom com os recursos tecnológicos que as administraçons demandam para a sua correta homologaçom e adaptaçom aos requerimentos técnicos (como pode provar este jornal através de documentos em seu poder), beneficiando desta maneira de um tratamento de privilégio face às outras empresas que concorrem aos concursos públicos.

Um dos enlaces da Plexus na Administraçom é Ramón Lorenzo Lafuente, chefe da Subárea de Dotaçom de Centros na Conselharia da Educaçom e um dos responsáveis do Plano Abalar. Fontes consultadas por este jornal asseguram que na prática exerce como parte da empresa: mantém reunions periódicas com a gerência desta e mesmo visita as instalaçons da Plexus para se reunir com os seus contatos na empresa. Referem que lhes proporciona amostras doutros orçamentos que concorrem a contratos públicos, assim como outro tipo de documentaçom técnica confidencial antes da resoluçom dos concursos.

> Polos armários de carga dos portáteis para o ensino obtém 951.210 euros

> Dispom de informaçom privilegiada da Junta para fazer negócio

Outra das fontes de financiamento indirecto procedente de fundos públicos vem-lhe dos próprios centros de ensino. Conforme soubo o NOVAS, a empresa tem acesso ilícito à listagem de colégios e institutos que recebem subsídios da Junta para a obtençom de computadores e meios tecnológicos. A partir destas bases de dados a Plexus fai propostas que coincidem exactamente com os materiais sufragados polas ajudas públicas. E como a Junta deve certificar que as compras se adequam aos requerimentos exigidos que a empresa conhece de antemao, o círculo fecha-se, assegurando que será a sociedade de Agrasar Cascallar que irá proporcione tais meios para os estabelecimentos de ensino.

Mais de quatro milhons e meio da Junta desde 2010

As empresas do Grupo Plexus Tech SL, entre as que destaca a Tecnologias Plexus SL, tenhem sido beneficiárias de adjudicaçons milionárias desde a restauraçom no poder do Partido Popular da Galiza. Só desde o ano 2010 a principal sociedade da agrupaçom empresarial conseguiu concessons públicas da Junta num valor superior aos quatro milhons e meio de euros, muitas delas pola via da contrataçom direta sem publicidade. Contribuem para o seu financiamento a maior parte das grandes Conselharias, como a da Economia e Indústria, a Presidência, Cultura e Turismo, Mar, Trabalho e Bem-Estar e, especialmente, Educaçom, bem como fundaçons e organismos dependentes do executivo autonómico. Estes dados podem ser verificados nas informaçons publicadas pola Plataforma de Contrataçom Pública da Galiza. A estes lucros empresariais deveria ainda aqueles outros menores, que nom se tornárom públicos e que procedem tanto da Junta como das administraçons locais e doutro tipo de entidades ligadas aos poderes públicos geridos polos integrantes e afins ao partido que lidera na Galiza Alberto Núñez Feijóo. Este organismo tampouco contabiliza as contrataçons das Deputaçons provinciais e foi denunciado neste mês de abril polo PSOE por omitir dados das ofertas das empresas que concorrem.

> Um dos seus enlaces na Junta é Ramón Lorenzo Lafuente, do Plano Abalar

> As empresas disparam a sua facturaçom com a chegada de Feijóo

Só no que vai de ano a Secretaria Geral de Meios outorgou-lhe o fornecimento e instalaçom de cinco telecentros de comunicaçom no valor de 465.000 euros, o Sergas adjudicou-lhe a cobertura sem fios do novo hospital de Lugo por 244.050 euros e a Conselharia da Economia a manutençom dos seus sistemas informáticos por 22.000 euros.

Quem é quem na Plexus

À frente da agrupaçom empresarial encontra-se Antonio Agrasar Cascallar, empresário que negou perante a imprensa manter vínculos com a Plexus em 2008 após se tornarem públicas irregularidades relativas à sua contrataçom para as "relaçons públicas" das obras do porto exterior da Corunha. No entanto, jornalistas de *La Opinión* conseguírom contatá-lo através do telefone da empresa. No Registo Mercantil consta como presidente do Grupo Plexus Tech SL, a empresa matriz de que dependem as filiais Tecnologías

JESÚS PÉREZ VARELA
Homens da sua confiança fundam a Plexus quando é Conselheiro de Cultura

ANTONIO AGRASAR
preside o grupo de empresas Plexus

O que fora número dous de Pérez Varela em Cultura é um dos fundadores da Plexus

O ex-conselheiro é considerado o impulsor da empresa por funcionários públicos

Plexus SL, ou Agmina Multimedia SL e Brétema Consulting SL (utilizadas para arranjar contratos durante a Junta bipartida), entre outras. Na direçom do grupo acompanham-no como conselheiros delegados o seu cunhado Leoncio Touceda Taboada e o seu homem de confiança José Manuel Viña Bravo.

Agrasar Cascallar é também administrador único das empresas Double Rum e Double Rum Coruña SL, dedicadas à hotelaria e à hospedagem, assim como da sociedade Inversións Terras de Ferrol SL, cujo objeto social se centra na comercializaçom de derivados do petróleo e os hidrocarbonetos.

A sua mulher, Dolores Sonia Touceda, é por sua vez a directora geral e financeira da Tecnologias Plexus SL, a principal sociedade do grupo, que passou de facturar 4.414.577 euros em 2007 a atingir os 6.941.867 em 2009, o último ano em que no Registo Mercantil consta registo da sua contabilidade, aumentando em dous anos mais de cinquenta por cento as suas vendas.

Crescimento exponencial

De 2005 a 2009 quase que quintuplicou o número de empregados –passou de ter 24 pessoas contratadas a 114–, um crescimento especialmente significativo entre o ano 2008 (64 empregados) e o 2009 (114), o ano da chegada de Alberto Núñez Feijóo à Junta da Galiza.

A família de Agrasar está presente em postos chave da trama societária

Agrasar foi assessor da CRTVG e da Cidade da Cultura com Pérez Varela

À falta de dados de 2010, tanto a facturaçom como as contrataçons tivérom que se incrementar notavelmente, dado que o volume de negócio obtido desde a administraçom autonómica ultrapassa amplamente o do ano anterior. É neste passado ano que a companhia amplia o seu objeto social para passar a dedicar-se à "construçom, compra, venda e arrendamento de bens imóveis, mesmo vivendas de proteçom". A empresa trabalhou também nos últimos anos para feiras de emprego e exposiçons, patronatos de turismo, autoridades portuárias, museus e empresas como a Acciona e centros comerciais, conforme puido verificar este jornal a partir da documentaçom interna da Plexus.

Homens de Pérez Varela

Um dos primeiros homens fortes da Plexus foi José María Sánchez González, secretário-geral e número dous da Conselharia da Cultura na altura em que Jesús Pérez Varela era o seu máximo responsável. Agrasar Cascallar foi assessor da CRTVG e também figurou como assistente no desenho da Cidade da Cultura que planificara o ex-conselheiro que apoiou o golpe de Estado do 23-F. O presidente do Grupo Plexus tivo aliás vínculos societários com Sánchez González na empresa Promociones Culturales Inversiones Financieras e Inmobiliarias SL, como desvendou o *Xornal de Galicia*. A afinidade de ambos com Pérez Varela era tal que nos corredores da Junta o funcionariado dava por certo que a Plexus era umha empresa gestada polo ex-conselheiro, hipótese que polo de agora non puido ser probado.

PORTO EXTERIOR DA CORUNHA
Agrasar fora contratado para as relaçons públicas das obras por 764.000 euros. O presidente do Porto anulou o contrato

Irregularidades em grandes investimentos de dinheiro público

Porto Exterior da Corunha
Antonio Agrasar era contratado polos promotores das obras de ampliaçom para funçons de "relaçons públicas" no valor de 764.000 euros, contrato que foi anulado polo presidente do Porto, Macario Fernández-Alonso, por considerá-lo um "gasto ocioso" de dinheiro público destinado ao "controlo da obra".

Volvo Ocean Race
A filial da Plexus Brétema Consulting foi contratada como assessora para a promoçom da regata, em paralelo à contrataçom doutra empresa para a mesma funçom de "relaçons públicas". O Conselho de Contas considerou-no umha "coincidência" injustificada que implicou "duplicidade" para "serviços semelhantes".

Cidade da Cultura
Outra vez o Conselho de Contas relata como a Plexus foi contratada em três ocasions polo procedimento negociado sem publicidade para serviços de Internet. Refere que nas duas primeiras contrataçons se utiliza "um fracionamento da contrataçom" para eludir um concurso público que poderia beneficiar outras empresas.

Jacobéu 2010
A Nosa Terra desvenda que trabalham na sua web e fam pública umha parte antes de se publicar o concurso para a sua realizaçom, cujo montante ultrapassa os 200.000 euros. Trabalhadores que participárom no desenvolvimento do *site* constatam que o produto final nom cumpriu os objectivos dos cadernos de contrataçom.

Tramitaçom da Lei de Dependência
A Junta contrata mais de 60 pessoas através da Plexus para agilizar a sua tramitaçom. Pessoal da empresa atende o público, trabalha com dados privados e realiza funçons próprias do pessoal da Junta. Após a denúncia da CIG, a começos de 2010 a Junta dá por fechado o seu contrato com a Plexus, que nom tornara público.

Repressom e coaçons sindicais e laborais

Um grupo de trabalhadores e trabalhadoras começou a organizar-se em 2010 para preparar umha candidatura da CIG para o Comité de Empresa. A reaçom dos gestores nom demorou: emprendérom coacçons seletivas contra integrantes da futura lista e posteriormente despedírom entre 20 e 25 pessoas que tinham contratos eventuais. Quem tinha contratos indefinidos foi ameaçado com ser despedido, dizendo que lhes "sobra gente" e com outros pactuárom despedimentos procedentes. A lista da CIG, que inicialmente contava com mais de trinta integrantes, ficou afinal em oito pessoas.

Fontes sindicais referem que a empresa está a utilizar o convénio que regula as consultorias para realizar trabalhos próprios do sector das telecomunicaçons aos quais corresponderia um convénio do metal que resultaria mais caro para as arcas da Plexus.

CULTURA

"Escrevo todos os dias por necessidade, para partilhar com a sociedade, para liberar-me"

ENTREVISTA A MANUEL LOURENZO, DRAMATURGO, ATOR E PAI DO TEATRO INDEPENDENTE GALEGO

"Sempre anda um com as suas personagens às voltas, e isto fai a vida mais diversa e amena"

ANTÍA RGUEZ. / Manuel Lourenzo (O Valadouro, A Marinha, 1943) é, junto com Francisco Pillado Maior, um dos pais do Teatro Independente Galego. Tem escritas umhas 150 peças, entre obras próprias, traduçons e versons, ademais de ensaios essenciais dedicados a rever a história teatral do País. Além de dramaturgo, também é diretor e professor dos alunos que passam polo estudo Casa Hamlet, que em 1998 abriu, junto com Santiago Fernández, na Corunha.

Como começou no teatro?
Foi de pequeno, no Valadouro, através do teatro aficionado local, e das barracas que vinham à vila. Pode-se dizer que sempre me chamou o teatro, mas também todas as cousas relacionadas com a expressom. Continuei com estas inquietaçons quando fum, de novo, para a Corunha, e depois à Alemanha. Mas os verdadeiros começos nom fôrom até o ano 1965, fundando o Grupo de Teatro O Facho, junto com Francisco Pillado. Daquela já sabia que era a minha vocaçom, e conhecia os princípios do Teatro Independente (a itinerância, a propriedade dos médios de produçom, e sortear a censura como se pudesse), e começava a praticá-los. Depois veu o Teatro Circo (1967-1976), e a Escola Dramática Galega (1978), que já funcionava como umha cooperativa, e portanto já tinha um indício de profissionalidade. Aí criou-se o primeiro atelier profissional e a primeira companhia profissional em que trabalhei, a Luís Seoane (1980). Depois veu umha época de verdadeira confusom, na qual fundei o Clube de Teatro Elsinor (1990) para ser um pouco independente dos avatares todos, porque já nom havia censura franquista, mas continuavam as censuras económicas, e as políticas de outro signo. Foi depois quando criamos esta empresa, Casa Hamlet. Polo meio há trabalho para várias companhias, também dirigindo e como dramaturgo, e trabalho para a TV.

Qual era o objetivo do nascimento de Casa Hamlet?
Eu sempre tivem claro que há múltiplos pontos de fuga do teatro

> "Chupamos das tetas da Junta, até que dizem 'nom estamos em período de lactancia'"

que há que atender: nom se trata só de montar umha companhia de teatro, ou só umha escola de teatro. A ideia era criar um Estudo de Teatro em que se pudesse ensinar, e, ao tempo, investigar. E, sobretodo, em que se pudesse entesourar material -roupas, livros, objetos...- umha quantidade de cousas que tenhem a ver com o teatro, e que lamentavelmente na Galiza nom há lugar onde as depositar. Nom temos museus, nem onde recolher a memória viva do teatro. Há anos havia umha entidade dependente da Junta, mas foi defenestrada. Temos um País mui deficitário em muitíssimas coisas, e esta é umha delas. A memória teatral está só nos armazéns privados ou no lixo: é umha lástima.

Ao fio disto que comenta, qual pensa que deve ser o papel das instituiçons no apoio à criaçom?
Penso que a cousa deveria funcionar como acontece aqui. A Deputaçom, que é umha instituiçom provincial, apoiou-nos desde o começo se lhe dávamos umhas garantias de seriedade, de trabalho mínimo. O nosso trabalho nom está metido entre quatro paredes, senom que saímos fazer foros teatrais, aulas abertas, funçons gratuitas em concelhos... Trata-se de irradiar à sociedade, que é quem paga, em parte, o trabalho que fazemos. A outra parte paga-se com as funçons da Companhia Luís Seoane, o que permite o seu crescimento e a sua manutençom. Daquela, eu penso que a funçom das instituiçons é promover quando nom há, e apoiar a criaçom de um modo inteligente, é dizer, nom há que regalar o dinheiro, senom olhar que benefícios produz à mesma sociedade da que sai. Isto leva-nos a conceber a Administraçom como umha "administraçom", que gere o dinheiro na medida do que se precise em cada ámbito -sanidade, cultura, educaçom...-, e nom como umha caixa onde se guarda o tesouro dos piratas. Mas parece que as liçons do passado nom valem, e cada novo Governo vem com umha nova teoria de como se devem desenvolver as relaçons com a gente da Cultura. Daquela, o teatro, em épocas de crise coma esta, está em franco perigo e diminui muito o trabalho, porque se nom cais bem, nom che dam dinheiro. E isto digo-o olhando desde fora, porque eu nom pido dinheiro à Administraçom.

Daquela, como se poderia manter um teatro independente?
O importante seria que as instituiçons velassem porque houvesse teatros estáveis, com umha programaçom contínua. Mas há muitas carências, e umha delas é

> "O teatro deve ser un orgulho da comunidade, e ela deve guiar a sua manuteçom"

que o dinheiro da indústria, do capital, nom reverte no teatro, ou noutras atividades culturais, como acontece em países como Inglaterra. Será que a gente do teatro nom tenta buscar umha relaçom com este capital, ou será que este capital é imóvel e nom lhe interessa a colaboraçom? Nom sei. O que penso é que mais bem nom houvo diálogo nengum, já que é mui raro, por nom dizer impossível, ver nos programas de teatro galego o patrocínio de nengumha empresa. Tenho a impressom de que o que acontece é que nos acolhemos às tetas da Junta, a chupar daí, até que chegue o momento em que digam "nom estamos em período de aleitamento". Daquela, o que conseguimos é que sejam os donos de todo. Este "sistema lácteo" de funcionar fai com que estejamos mui indefesos: que em determinados momentos, segundo vaia a cousa, o teatro produza ou nom produza; exiba ou nom exiba. Neste sentido, acho que o trabalho é mui pouco profissional, e dá a impressom -mas isto sempre, em toda a sua história-, de ser um teatro com poucas ambiçons. É certo que se fixo um trabalho intenso em temas como a língua -hoje praticamente todo o teatro se faz em galego-, mas trata-se também de que o teatro seja um orgulho da comunidade, que ela mesma defenda a sua manutençom.

Você escreve cada dia, e tem dito que muitas vezes escreve para concursos, porque é "o único modo de ganhar dinheiro"...
É certo que escrevo todos os dias, mas nom é que escreva para concursos, senom que tenho em conta os concursos. Às vezes estou a escrever, sei de um concurso em *lontananza*, e apuro o que tenha entre maos, e se se presta, mando-o. Quero dizer que tenho os concursos em conta porque é a única maneira de tirar-lhe umha rendibilidade, e para além disso é justo jogar um pouco à lotaria.

Isto queria perguntar-lho porque é um debate histórico o que se dá entre quem pensa que escrever é um oficio, e quem nom...
Eu já escrevo por necessidade. Há muitos anos comecei por gosto, ou porque havia mui pouco teatro em galego, mas agora tenho que escrever um pouco cada dia, quando tenho tempo. Escrevo peças breves para os nossos alunos, e outras vezes escrevo sobre um tema do que me apetece dar a minha réplica atual. Por exemplo: todas as vezes que escrevi sobre Edipo e Yocasta, umha personagem que me parece mui interessante. Agora mesmo tenho a gaveta cheia de projetos: às vezes dou preferência a uns sobre outros, e às vezes fica um projeto parado durante 20 anos... Sempre anda um com as suas personagens às voltas, e a vida fai-se, por isto, mui diversa e amena. Tés a vida real, e tés a das tuas máscaras, chamando sempre à porta, pedindo-che duas horinhas para continuá-la. Desfrutas muito com isso, porque é parte da tua vida, e som as tuas obsessons, cousas que queres soltar para fora, que queres partilhar com a sociedade. Há cousas que solto através da cena, e outras que solto nos livros, e fico mui tranquilo. Quando o ser humano produz algo, seja literatura, arte, ou mesmo um filho! Todo som criaçons que liberam.

SAÚDE

Quanto é que suporta o corpo dos humanos a radioatividade? Milhares, centos, milhons fôrom as vezes que se superou o limite de segurança em Fukushima, mas: quando é perigoso?

Um, mil, milhons de Milisieverts

DAVID CANTO / Ainda que a importância e magnitude da catástrofe natural acontecida no Japom é suficientemente magna como para imaginar as mortes, feridos e perdas materiais que causou, foi outro o foco contínuo de preocupaçom no pais Nipom.

Umha vez que as consequências do tremor de terra e posterior tsunami fôrom relativizadas, ainda que a dia de hoje nom se conheça a cifra real de vítimas, os desperfeitos na central de Fukushima-Daichi provocárom o alarme, até o ponto de a situaçom ter sido comparada com a do acidente de Chernóbil.

O certo é que muita da culpa tem-na a informaçom racionada que chegava por parte da central e do próprio governo japonês, que de um dia para outro passavam de ter a situaçom controlada a vaticinar umha fusom no núcleo. Este facto um dos extremos mais graves que se pode dar numha central, obviando a destruiçom dumha central inteira, da qual nom chegamos ainda a imaginar as consequências.

A radioatividade foi transmitida principalmente através do ar, ainda que também foi expulsa água poluída ao mar, que mais umha vez fai de vertedouro, como se aquilo nom chegasse nunca ao ecossistema.

O Governo nipom solicitou aos residentes da zona afetada que se submetam a exames de despistagem. Na Europa, embora a preocupação exista, os especialistas negam que a situaçom seja catastrófica. Segundo publica *CiênciaHoje.pt*, especialistas franceses afirmam que umha nuvem radioativa causada polas explosons que se dêrom nos reatores de Fukushima devera ter chegado a Europa para finais de Março, mas que ela nom seria nociva para a saúde. Por isto o governo galo solicitou pílulas de iodo, um elemento químico empregado que impede que a radioatividade tenha efeitos sobre a glándula tiroide.

Níveis de radiaçom e efeitos

Dez mil MiliSieverts: 100 por cento das pessoas que recebem este nível morrem, com destruição da parede intestinal e hemorragias internas.
Seis mil MiliSieverts: Dose a que foram sujeitos os operários de Chernóbil e que cederam ao fim de um mês.
Cinco mil MiliSieverts: Umha dose poderia matar 50 por cento dos que estiverem expostos;
Mil MiliSieverts: Hemorragias.
800 MiliSieverts: Provoca vómitos, diarreia e náuseas.
750 MiliSieverts: A queda de cabelos irá manifestar-se entre duas a três semanas.
100 MiliSieverts: Limite de radiação recomendado a cada cinco anos para os operários.
Dez MiliSieverts: TAC de corpo inteiro.
Dois MiliSieverts: É o nível de radiação que recebemos anualmente de forma natural.
Uma exposição entre *50 e 100 milisieverts* já provoca mudanças na composição do sangue.

WEB

A Comissom do Mercado das Telecomunicaçons autoriza a compartilhar a Internet. Nom pode haver ánimo de lucro, e deve ser prestado por operador

Redes sem fios comunitárias, já legais

ERNESTO VILAR / Desde finais de Março a ligaçom à rede mediante tecnologia sem fios pode ser compartilhada de jeito comunitário. Isto é graças à resoluçom da Comissom do Mercado das Telecomunicaçons (CMT), a petiçom de umha promotora de vivendas de protecçom oficial da cidade de Sant Cugat (Barcelona).

As vivendas em questom som em regime de aluguer e a pretensom da promotora é que os inquilinos dos andares podam aceder à rede wifi que se lhes proporciona.

A CMT impom, isso sim, três condiçons obrigatórias para permitir a exploraçom conjunta da rede: nom haver ánimo de lucro na prestaçom do serviço em questom, que a rede e o serviço nom estejam abertos ao público em geral e que a comunidade de proprietários nom seja a que presta o serviço, sendo o operador o prestatário.

Para que nom haja um fim comercial, o operador deverá receber da comunidade o que custa o serviço, comprometendo-se a nom obter benefício adicional nengum. Aliás, nos documentos de pago mensais deve ser especificada a quantia que pertence ao acesso à Internet, ademais de ficar claramente especificado no contrato de aluguer quem é que presta o serviço realmente.

A CMT quijo deixar claro que sempre mudar algumha destas condiçons, a comunidade ou promotora deverá consultar o regulador para conhecer se há algum ponto que nom esteja a ser cumprido ou se a exploraçom do serviço de jeito comunitário pode continuar.

> A iniciativa partiu de umha promotora de vivendas protegidas de Sant Cugat

Neste caso, a comunidade nom é quem presta o serviço diretamente, polo que nom há que inscrever-se no Registo de Operadores da CMT, algo que devera fazer de nom ter a resoluçom da reguladora do sector das telecomunicaçons no Estado.

Polémica com a rede pública

O tema da partilha das redes sem fios em espaços públicos tem sido e é, como já noticiamos anteriormente no Novas da Galiza motivo de confrontos, devido em grande parte às sançons que a própria CMT impujo aos concelhos de Avilês e Barcelona. Ambas cidades decidírom oferecer ligaçom à rede desde pontos de aceso gratuitos, todo isto sem a autorizaçom prévia dos operadores.

> O serviço nom pode ter ánimo de lucro e deve servir à comunidade

A polémica foi a mais quando o Concelho de Málaga foi sancionado com 300 mil euros por um comportamento similar em Fevereiro passado. A CMT entom fijo umha revisom da normativa. A soluçom foi autorizar os concelhos a proporcionar wifi público, gratuito, com velocidades inferiores a 256 kbps (umha velocidade lenta, mui inferior à que realmente podem alcançar). A rede nom podia chegar ao interior dos edifícios, para evitar que se aproveitassem do serviço nas vivendas.

DESPORTOS

O 'VAL-MIÑOR-FRIOYA' TRIUNFA EM SLALOM

O Clube de Canoagem Val-Miñor Frioya de Nigrám obtivo medalhas de ouro e prata na Liga Nacional de Slalom Olímpico em Huesca. Antía Loira conseguiu a medalha de prata enquanto Uxía González se fazia com a de ouro na categoria C-1 Cadete.

SERAFÍN MARTÍNEZ ABANDONA O CICLISMO

O ex-corredor galego do Jacobeu Galiza anunciou a sua renúncia a continuar a competir por falta de ofertas, toda vez que a Junta permitia que a equipa profissional galega desaparecesse. Estuda novos projectos ainda que declara que vai centrar-se em reptos pessoais.

EM CERZEDA SELOU-SE UMHA HISTÓRICA ALIANÇA QUE VAI DAR MUITÍSSIMO QUE FALAR

O Aberto da Repesca converte a bilharda em disciplina oficial nas Olimpíadas Populares Galegas de Riba d'Ávia

XERMÁN VILUBA / Junto com o festejo por todo o alto nas pistas da LNB com a chegada do número 100 do NOVAS, a gente bilhardeira continuou há umhas semanas na vila de *Cerzeda* no Aberto pontuável para a *Conferência Noroeste e* que acabou por se espalhar polos concelhos vizinhos deixando exemplo de como devem ser feitas as cousas. Um Aberto que rematou às 15h30 da tarde, sem comer e sem fome nengumha, já que a final entre Iván Bateas e Guille dos Roteiros foi das que fam história, sendo unánime a consideraçom sobre o que se viveu a estas alturas do campeonato. Mas a cousa nom ficou por aí, também houvo um fenomenal jantar, elemento fundamental na criaçom de umha proposta global em que a LNB aposta totalmente, como foi exposto na palestra e posterior diálogo aberto realizado no bar A Taberna, onde a presença do palanador Ibizenco-galaico *Ricardo Pérez i Verdes,* deu lugar a um poderoso reencontro onde se vislumbrou a possibilidade de converter em

> Está todo pronto para que o próximo 21-22 de maio seja histórico para o desporto

elemento chave dentro do ámbito etnológico e de difusom internacional este ex-selecionador de Costa Rica e Colômbia de voleibol que leva muito tempo a seguir a pista da serpente multicor da LNB. Em Cerzeda selou-se umha histórica aliança que vai dar muitíssimo que falar junto com a toma de terra dos irmaos da Associaçom Cultural Lucerna que nos guiárom através da paixom até horizontes desconhecidos.

Assim, como anunciávamos, houvo Galeoke e música em Galego para o fim de festa em Cerzeda. A continuaçom desta tivo lugar na Conferência Bezouqueira, com um Aberto em Ares, com umha filosofia que tem como referência o esquio que sobe polos postes para travar os cabos e contagiar-se da eletricidade que nos leva a todos e a todas à grande moinhada de Conjo. Hockey sobre pés descalços, manoneo por relevos, maratona do desemprego ou manicómios polidesportivos eram algumhas das disciplinas e cenários com que Os Resentidos sonhavam presentear os atletas desidratados que tinham participado nas impossíveis olimpíadas de Vigo 92. Choveu um pouco, mas armados com o mítico braçal de Sitio Distinto a mensagem olímpica dos

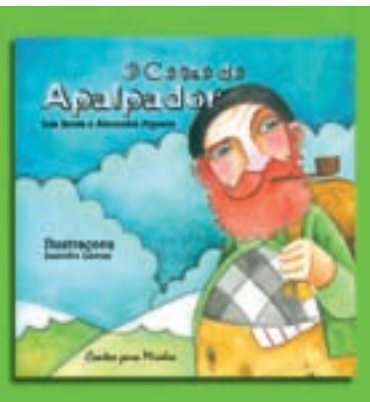
Resentidos nom caiu em saco roto porque, já podemos anunciar que, pese a quem pesar, a Bilharda é já oficialmente Olímpica e será umha das disciplinas que vam competir nas *I Olimpíadas Populares Galegas.* Já está todo pronto pois para que este próximo 21-22 de maio se converta numha data histórica para o desporto nacional galego. A LNB já estabeleceu o *mítico Aberto da Repesca* que se realiza em terras da Ourense dentro do *Aberto Olímpico,* portanto permanecei atentos e atentas os que nom entreis de maneira direta entre os 12 primeiros classificados da conferência porque estará no estádio Olímpico de Riba d´Ávia o último comboio para a estaçom de lume e gelo de Conjo onde vamos precisar muros de muito cimento para deter a radioatividade brutal que vai produzir cada varado nesse tsunami infernal chamado Play Off Nacional _011. Já podedes ir apontando-vos para o histórico Aberto Olímpico, se pertencerdes a um dos centros sociais ou entidades que participam na competiçom podedes fazê-lo defendendo as suas cores e se sodes entidades independentes podedes solicitar a inscriçom adscrevendo-vos como pertencentes à Liga Nacional de Bilharda. Umha comissom do comité olímpico galego estivo no Aberto de Cerzeda e mostrou a sua total confiança em que a Bilharda seja umha disciplinas estrela desta competiçom que ergue o punho raivoso com a luva das três cores da bandeira galega..... bilharda sempre, adiante com o varal! >> *ovaral@hotmail.com*

AUTODETERMINAÇOM

- DIREITO DE AUTODETERMINAÇOM, UM POTENCIAL DEMOCRÁTICO
- Texto de Henrique del Bosque Zapata, prologado por Uxío-Breogán Diéguez Cequiel
- Editam: Causa Galiza e A Fenda
- 8 euros (com os gastos de envio)
- Breve e acessível manual sobre o direito de autodeterminaçom e a sua aplicaçom na Galiza
- Versom em norma AGAL e RAG

ATLAS HISTÓRICO

- ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA E do seu Contorno Geográfico e Cultural
- Texto de José Manuel Barbosa
- Design Gráfico e Ilustraçom de José Manuel Gonçales Ribeira
- 50 euros (gastos de envio incluídos)
- Edita: Edições da Galiza
- Amplo percurso pola história da Galiza através dos diferentes mapas de cada etapa a toda a cor



O CONTO DO APALPADOR

- Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- Ilustraçons de Leandro Lamas
- 15 € (gastos de envio incluídos)
- Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- Cuidada ediçom para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- 34 páginas, 12 ilustraçons, tampas duras

Solicita-os em: encomendas@novasgz.com ou no telefone. 692 060 607

ATLETISMO, LUITA, TIRO, TRIATLO, VOLEIBOL, BRILÉ, BILHARDA... SOM ALGUMHAS DAS DISCIPLINAS QUE VAM CONFIGURAR O CALENDÁRIO

Olimpíadas Populares Galegas, umha iniciativa desportiva para o encontro dos movimentos sociais

REDACÇOM / 21 e 22 de Maio, em Riba d'Avia. Essas som as datas e o lugar para a realizaçom da primeira ediçom das Olimpíadas Populares Galegas, umha iniciativa social e desportiva que pretende juntar os movimentos sociais do nosso país num fim de semana de convívio, jogo e desporto. Atletismo, luita, tiro, triatlo, voleibol, brilé, bilharda... som algumhas das disciplinas que, através de 13 provas, vam configurar o calendário olímpico em que as equipas provenientes dos centros sociais, das associaçons e das organizaçons populares do país vam medir as suas forças.

A ideia surgiu de um punhado de militantes ourensáns afeiçoados ao montanhismo e ao desporto em geral, e encontrou rapidamente apoio entre os centros sociais da cidade e do resto do país. Precedentes desta iniciativa há bem poucos no nosso país, se bem os promotores assinalam experiências internacionalistas que decorreram há muitas décadas, como as Olimpíadas Obreiras da década de 30. Desde aquela e até entom, o certo é que a atençom ao desporto decaiu vertiginosamente nos ambientes da esquerda revolucionária e do nacionalismo, mais virado sempre para a cultura

letrada. Em pleno século XXI, estamos na hora de comprovar se é possível a volta a um desporto consciente, obreiro e nacional.

"O objetivo -aponta Antom Lopes-Valeiras, um dos promotores da iniciativa- é duplo: de umha parte, criar um espaço de encontro e de fraternidade entre os movimentos sociais; de outra, reivindicar o desporto como base dum lazer saudável e nom consumista". As Olimpíadas Populares, daquela, viriam ser o catalisador de múltiplas apostas comarcais ou parciais (desde campeonatos de futebol até a Liga Nacional de Bilharda, passando polos roteiros, o montanhismo ou a escalada) que nos últimos tempos insistem em colocar a atividade física e o jogo saudável no centro dum lazer que, especialmente entre a mocidade, joga um papel fundamental na construçom de identidade e de comunidade.

> Umha escultura em pedra distinguirá a associaçom que ganhe em Riba d'Ávia

Desenhado o projeto e constituído o comité olímpico disposto a organizar esta primeira ediçom, só faltava o lugar que reunisse as condiçons adequadas para a sua realizaçom. E sem propaganda nem investimentos multimilionários, a capital do Ribeiro foi escolhida Vila Olímpica, polas suas condiçons geográficas (boa situaçom e comunicaçom através do transporto público com o resto do país), e pola disposiçom da sua Concelharia de Cultura e Desportos a ceder as instalaçons da Veronça Nova, umha ampla zona ao pé do rio Ávia com campo de futebol, vestiários, duches e umha extensa zona verde em que realizar as competiçons. O "como chegar", assim como as características das provas e os formulários de inscriçom, podem consultar-se na web *olimpiadas-populares.blogaliza.org*.

O número de equipas que vam participar no evento será umha incógnita até o 1 de Maio, data limite para que associaçons, centros sociais e coletivos apresentem as suas e os seus atletas. Os promotores nom se atrevem a fazer estimaçons numéricas, dada a falta de experiência, na Galiza, em iniciativas como estas. Contodo, desde a organizaçom das Olimpíadas insistem em que, mais que nunca, "o importante é participar", e que nom fai falta apresentar-se a todas as provas nem contar com desportistas treinados para desfrutar dum fim de semana de jogo e de convívio. Agora bem, também chamam a se prepararem às equipas que quigerem optar a ganhar o troféu das Olimpíadas Populares Galegas, umha escultura em pedra que distinguirá a associaçom vencedora até a próxima ediçom do evento, cuja celebraçom dependerá já do sucesso que tenha Riba d'Ávia 2011.

Alessandra Aguilar bate marca pessoal em maratona feminina

REDACÇOM / Ganhara em Munique e agora entrou quarta em Roterdám, mas pulverizando o crono. A lucense Alessandra Aguilar tirou partido a umha temporada virada para o cross, rebaixando em dous minutos a sua marca maratoniana, que pujo agora em 2 horas 27 minutos. A atleta, num momento doce, estivo a poucos segundos de subir ao pódio e, o que é mais importante, conseguiu o segundo recorde galego em maratona feminina. Apenas é superada por Maria Abel, também lucense, que a avantaja em dous segundos.

Gómez Noia retorna com épica à alta competiçom

REDACÇOM / As dúvidas fôrom despejadas. Trás meses de ausência da alta competiçom, o ferrolao Gómez Noia voltou com umha força inusitada. Reapareceu nas séries mundiais na cidade de Sidney, onde validava a sua condiçom de emblema mundial deste desporto. Apesar dumha aparatosa queda na fase de bicicleta, escorregando por causa da chuva, desbotou a ideia de retirada e adiantou 40 desportistas que o tinham superado, nomeadamente na corrida a pé. Finalmente, conseguiu o primeiro posto, a sete segundos de Johnatan Browne: "sentim-me mais forte do que pensara", manifestou.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

Nome Apelidos
Enderezo
Localidade CP Teléfono
Solicito: Subscrición Máis Información
Enviar á **Murguía, Revista Galega de Historia**: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

www.revistamurguia.com

TEMPOS LIVRES

ENTRELINHAS
UM DIA NA VIDA DE BOBBY SANDS

Quando as ideias valem a vida...

PEPE ÁRIAS

Seria muito complicado falar de *literatura* carcerária, já que normalmente as obras criadas em prisom tenhem umha componente real mui forte, independentemente de que exista ou nom a intençom de criar umha ficçom. Existe em todos os tempos e lugares, mas nom entraremos em historicismos desnecessários tendo na lembrança nomes como os de Xosé Tarrio, Iñaki de Juana, Jean-Marc Roullian ou o próprio Bobby Sands, de quem Estaleiro Editora acaba de publicar o seu livro *Um dia da minha vida*.

O relato é calafriante, o maltrato e a tortura aos militantes do IRA implicou a posta em andamento da greve de fome que custou a vida a este combatente irlandês, encontra-se num dos esgotos mais nojentos da Europa ocidental. Traduzido e prologado por Patrícia Janeiro, a autora d'*A perspectiva desde a porta* introduz umha grande quantidade de notas a rodapé que permite o conhecimento dos acontecimentos que descreve Sands para pessoas que desconheçam a história irlandesa, servindo como ferramenta de divulgaçom e elemento de apoio para as leitoras e leitores.

O livro contem dous artigos que aumentam a informaçom e dam umha ideia da inquietaçom e do compromisso do autor. A parte mais dura deste livro tem a ver com a própria greve de fome, o autor do livro deixará testemunho escrito em troços de papel higiénico durante os primeiros 17 dias da sua epopeia. Antes, a comida para os encadeados escasseava, e nalgumhas ocasions ficavam sem comer. No momento em que decidem botar o pulso à autoridade carcerária a comida era exuberante. Todo para desmotivar e fazer mais compreensível a sua miséria e a sua podridom.

A vida degradada dos reclusos polas medidas de excepçom no Módulo H de Long Kesh representa, e mais nos tempos que correm, a outra violência negada polos média empresariais, que é tam próxima e que ao mesmo tempo é tam desconhecida. Se falas sobre ela estás com os outros, o que demonstra que o desconhecimento da tortura nas sociedades democráticas nom é tal, ou que quanto menos reside de algumha maneira na inconsciência coletiva. Os demócratas-espectáculo costumam indicar aquela máxima de que a vida humana nom merece a vida dum ser humano. Neste caso, qual será a sua opiniom? Porque com todo, as desgraças e os grandes crimes do mundo nom nascem das formas de resposta dos povos oprimidos, mas das grandes metrópoles.

Sands, Bobby, Um dia da minha vida, *Estaleiro Editora*, 2011.

A CRIANÇA NATURAL
APRENDER A EDUCAR QUERENDO E RESPEITANDO

Criança natural, que é o que é?

MARIA ÁLVARES

Impor a autoridade, recorrer o castigo (físico se é necessário), marcar-lhes o caminho... som frases escolhidas tradicionalmente para referir-se à educaçom das crianças. Som pautas educacionais que ultrapassam a barreira do lar e transcendem às aulas. Umhas pautas em que muitas geraçons de meninos e meninas fomos educadas. De tal jeito que ainda hoje está bem visto dar umha palmada corretora aos filhos ou filhas quando nos questionam ou "contestam" de maus modos. Algo que seria censurado socialmente se um homem di que de vez em quando dá umha palmada à sua mulher quando esta nom lhe faz caso. Considera-se deste jeito que as crianças som seres inferiores, sem nenhum tipo de opiniom e que somos nós os adultos os garantes últimos do bem-estar desse ser. Quer dizer, castigamos, berramos e mesmo batemos para mostrar-lhes o caminho correto.

Mas nom sempre aconteceu assim, de facto, som valores que só transcedêrom à metade da povoaçom mundial: a pertencente aos países ocidentais, desenvolvidos e capitalistas. Pola contra, as sociedades que desde o primeiro mundo conhecemos como subdesenvolvidas (em termos económicos) soubérom manter umha criança baseada na afetividade, na liberdade das crianças e no contacto físico. Isto é, nos valores da comunidade frente ao individualismo e a competitividade que se transmitem como positivos desde o primeiro mundo.

Resulta paradoxal que o bem-estar da criança para os primeiro mundistas seja o número de brinquedos que se poidam oferecer à menina ou menino, que na escola aprenda três idiomas ou que durma sozinho toda a noite sem protestar... Descuida-se assim respeitar os ritmos de aprendizagem, comparando sempre o bebé com outros próximos (mostrando-lhe já desde bem pequenos a competitividade) ou esquecem-se os valores comunitários e coletivos que favorecem o egoísmo ou a pouca tolerância à frustraçom.

As sociedades modernas som capazes de fabricar carrinhos ultra-ligeiros, contos eletrónicos ou berços de última geraçom... nom para o bem-estar da criança que durante séculos puido medrar feliz sem estes inventos, senom para alimentar financeiramente a quem sabe que ter filhos e filhas deixa muito dinheiro nas indústrias dedicadas ao suposto cuidado dos bebés nos países ocidentais.

> Umha educaçom responsável fará melhores homens e mulheres no futuro, e melhores pais e maes

Mas algo está mudar no jeito de entender a criança, fôrom e som muitos pais e sobre todo muitas maes quem, nestas sociedades, estám a questionar estes valores transmitidos durante os últimos 150 anos. Som maes que se baseiam no instinto à hora de atender as necessidades dos seus filhos e filhas, que respeitam os seus ritmos evolutivos, que educam na casa ou em centros alternativos porque nom acreditam nos valores impostos na escola tradicional que servem para fabricar seres submissos e sem consciência crítica e que sirvam, portanto, para perpetuar a ordem estabelecida.

Trata-se do que se conhece como criança natural, criança com apego ou criança respeitada.

As que assim educam praticam o coleito porque sabem que deste jeito se dormiu sempre, porque o bebé tem sempre acesso ao alimento, desenvolve-se muito mais a nível neurológico e fomenta-se a afetividade dos pais com a sua criança. Levam o menino sempre pegados a eles para que esteja tranquilo e favorecer o apego, aleitam a demanda até idades tardias e nom castigam nem imponhem: negociam com o seu filho ou filha os limites à hora de educar. Pensam que nom há crianças boas e más, porque nom som julgadas. Os erros falam-se, pensam-se e corrigem-se conjuntamente.

Em definitiva: escuitam, respeitam, querem, abraçam, beijam, entendem e falam de igual a igual. Nom compreendem a criança como um tempo de transiçom entre berros, castigos e correçons que há que passar até que os seus filhos cheguem à idade adulta, senom que desfrutam de cada etapa e aprendem também com as suas crianças.

Esta nova seçom pretende achegar os leitores a este tipo de criança. Em próximos números aprofundaremos com mais pormenores nestes temas, já que a construçom de um novo mundo passa, sem lugar a dúvidas, polos mais novos. Umha educaçom responsável fará melhores homens e mulheres no futuro mas também ajudará a transformar pais e maes em seres melhores.

QUE FAZER

15.04.2011 / INAUGURAÇOM DA EXPOSIÇOM SOBRE JOÁM JESÚS GONÇALVES / 22:00 no C.S. A Revira (Rua Gonzalo Gallas, 4). PONTE VEDRA
Com a intervençom de um membro do Fervedoiro, entidade autora da mostra. Poderá-se visitar até o dia 30 de abril.

16.04.2011 / ROTEIRO POLO MONTE GESTEIRAS / 10:00 na Praça das Árvores - Banho. CÚNTIS
Organiza O Fervedoiro.

16.04.2011 / ROTEIRO POLO PINDO ATÉ A PEDRA CAVALGADA / 10:00 na Confraria de Pescadores do Pindo. CARNOTA
Organiza Adega.

17.04.2011 / JORNADA DE OBSERVAÇOM NA BAIXAMAR: A VIDA NA ZONA INTERMAREAL / 08:00 no C.S.O. O Salgueirom (Antiga Cantina de Massó). CANGAS
Levar (galochas) botas de água.

17.04.2011 / ROTEIRO POR BURELA / 09:00 na Escola de Magistério (Avenida de Ramón Ferreiro, s/n). LUGO
Organiza Adega.

17.04.2011 / MANIFESTAÇOM DE APOIO AOS PRESOS INDEPENDENTISTAS / 12:00 na Praça Vermelha. COMPOSTELA
Organiza Ceivar. Depois haverá um jantar no C. S. Arredista (Costa do Vedor) e às 17:00 o grupo de teatro Bicodobrelo representará a obra 'Matilda'.

19.04.2011 / ENCONTRO DE MÚSICA TRADICIONAL / 19:00 no C.S.O. O Salgueirom. CANGAS
Todas as terças-feiras.

19.04.2011 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 19:00 nos socalcos do Parque de Belvís. COMPOSTELA
Todas as terças-feiras.

19.04.2011 / PROJEÇOM DE *ATADO E BEM ATADO* / 20:00 no C.S. A Esmorga (Rua Telheira, 9). OURENSE
No ciclo 'Cinema Memória Histórica'.

20.04.2011 / COMEDOR POPULAR / 14:45 no C.S. Mádia Leva (Rua Amor Meilám, 18). LUGO
Todas as quartas-feiras.

20.04.2011 / PROJEÇOM DE *O FENÓMENO DAS NUVENS EM MALOJA*, DE ARNOLD FANCK, E *LOS*, DE JAMES BENNING / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG e VO, respetivamente.

21.04.2011 / O SERÁM DO SOR / 20:00 na Lota de peixe. BARQUEIRO
Organiza O Som do Sor.

22.04.2011 / ATUAÇOM DE ONDAS MARTENOT / 00:00 no Espaço de Lazer. MACEDA
Organiza a Associaçom Cultural A Rebusca.

23.04.2011 / HOMENAGEM À REVOLUÇOM DOS CRAVOS / 21:00 no C.S. Mádia Leva. LUGO
Concerto acústico do cantor Jorge Mirancos.

25.04.2011 / PALESTRA 'NOM VOS VAMOS GUARDAR O SEGREDO' / 20:00 no C.S. Mádia Leva. LUGO
José Manuel Barbosa e Carlos Solha falarám sobre a destruiçom do património cultural.

29.04.2011 / APRESENTAÇOM DE *VIVAS EN NÓS. MULLERES REPRESALIADAS POLO FRANQUISMO NA CORUÑA A RAÍZ DE 1936* / 19:45 no Quiosque Alfonso (Jardins de Méndez Núñez, 3). CORUNHA
Intervenhem Carme Blanco e Claudio Rodríguez Fer, autores. Organiza a Comissom pola Recuperaçom da Memória Histórica da Corunha.

29.04.2011 / GRUPO DE ESTUDOS / 21:00 no C.S. Mádia Leva. LUGO
Ceia e debate sobre a crise capitalista na Galiza.

29.04.2011 / FESTA TRADICIONAL ITINERANTE VENRESPIRAR / 22:30 na Cafetaria A Efémera (Rua Emilia Pardo Bazán, 54). OURENSE
Organizam a AOFT Gomes Mouro e o Coletivo Algaravia. Colabora Associaçom Rebulir.

27.04.2011 / PROJEÇOM DE *RETRATO DE NOVA IORQUE: CAPÍTULO I, II E III*, DE PETER HUTTON, E *REFLEXONS SOBRE A REVOLUÇOM, PARTE V: A CIDADE ESTRANGEIRA*, DE ROBERT FENZ / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VO e VOSG, respetivamente.

28.04.2011 / PROJEÇOM DE *XARES, O RIO QUE NOS LEVA* / 20:00 no Ateneu Valle Inclán (Bar Plaza). RIBEIRA
No ciclo 'Videofórum em Ribeira', que organiza Verdegaia.

30.04.2011 / FEIRA DA PRIMAVERA / Toda a jornada no Bairro de Sam Pedro. COMPOSTELA
Organiza a Comisom de Festas do Bairro de Sam Pedro.

30.04.2011 / OBRADOIRO DE ESCULTURA ALTERNATIVA / 11:00 no C.S. Aturuxo (Rua Principal, 118). BOIRO
Ministrado por Tucho Abalo.

30.04.2011 / CONSUMO CUIDADO: OBRADOIRO PARA CRIANÇAS / De 12:00 a 13:00 no Centro Maruja Mallo (Rua Primavera, 37). LUGO
A cargo de Mundo Piruleta.

30.04.2011 / NOITE DE MÚSICA TRADICIONAL / No C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA
Os últimos sábados de cada mês. Participaçom aberta.

30.04.2011 / V NOITE DE FIADEIRO / Na Praça de Santo Andrés. RAMIRÁS
Seram organizado por Rebulir.

05.05.2011 / APRESENTAÇOM DE *UM DIA DA MINHA VIDA*, DE BOBBY SANDS / 19:00 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Organiza Estaleiro Editora. Com a presença da tradutora, Patricia A. Janeiro.

05.05.2011 / JORNADA DE TROCA / À no C.S. Gomes Gaioso. CORUNHA
As primeiras quintas-feiras de cada mês.

06.05.2011 / TERTÚLIA COM DÉBORA IGLESIAS RODRÍGUEZ / 20:30 na Aula de Cultura Ponte de Rosas (Avenida da Feira, 10). GONDOMAR
Oceanógrafa da Universidade de Southampton. Apresenta Xilberte Manso de la Torre. Organiza o Instituto de Estudos Minhoranos.

07.05.2011 / RECEBEMENTO DE UGIO CAAMANHO / À tarde na Praça do Toural. COMPOSTELA
Organiza Ceivar.

07.05.2011 / ATUAÇOM DE ONDAS MARTENOT / À noite na sede da Asociaçom Vicinal de Naraío (A Veiga - Naraío). SAM SADURNINHO
Organiza a Associaçom Cultural A Rebusca.

08.05.2011 / MANIFESTAÇOM 'TERRA VIVA E VIDA DIGNA PARA TODOS/AS' / 12:00 na Alameda. COMPOSTELA
Organiza Galiza nom se Vende. Às 17:00 haverá um concerto apresentado por Berrobambán na Sala Nasa com Guintervan e Kogito.

14, 15 e 16.05.2011 / ROTEIRO POLO RIO TREMOR / Toda a jornada em Tremor. BERZO
Organiza Adega, mais informaçom em *http://adega.info/*.

EM LUGO

Causa Galiza organiza ato em memória dos Mártires de Carral a dia 30 de abril em Lugo

A entidade soberanista Causa Galiza organiza, com o título 'Semente da Galiza soberana. A revoluçom galega de 1846', um ato comemorativo do levantamento dos Mártires de Carral. Vai ter lugar em Lugo, por ser a cidade onde começou a sublevaçom, no sábado 30 de abril.

As atividades começam às 18:00 com um 'passa-ruas' que sai da Praça de Sam Roque e que inclui as intervençons de Bernardo Penabade, fazendo umha contextualizaçom histórica, os grupos de música e dança tradicional Frebudos e Volta do Agro, e os e as poetas Daniel Salgado, Xiana Arias, Alberte Momam, Carme Branco, Jose Manuel Nunes, Dario Xohán Cabana, Luz e Xabier Cordal.

Remata na Praça Maior, onde se vai desenvolver o ato político com os coletivos assinantes do Acordo Democrático Nacional e a portavozia de Causa Galiza. A continuaçom o C.S. Mádia Leva acolhe umha foliada e organiza umha ceia às 21:00.

A jornada fecha-se com um concerto na Sala 982 com Ondes Martenot, Das Kapital, Sacha na Horta, Os tres trebóns e Lugo sen Descanso.

EM PONTE VEDRA

Semana Galega de Filosofia

'Filosofia e Mentira' e o título que preside a XXVIII ediçom da Semana Galega de Filosofía, que se realiza em Ponte Vedra entre os dias 25 e 29 de abril. Todas as sessons vam ter lugar no auditório de Novacaixagalicia.

O programa deste ano conta com a presença protagonista do marxista egipcio Samir Amin, na jornada de encerramento. Estarám também Gustavo Luca, Ángeles Maestro, Isabelle Garo, Xosé Luis Barreiro, Teresa Oñate ou Pascual Serrano. O programa está em *http://aulacastelao.com/*.

INSCRIÇOM ABERTA

Anunciam Olimpíadas Populares

A organizaçom das Olimpíadas Populares Galegas abriu o prazo de inscriçom para participar neste certame, que se vai celebrar na área recriativa da Veronza Nova, em Riba d'Avia, durante os dias 21 e 22 de maio. Podem-se apresentar equipas de centros sociais, associaçons ou organizaçons populares. O prazo está aberto até o dia 1 de maio. Mais informaçom em *http://olimpiadaspopularesgalegas.blogaliza.org/*.

NOVAS DA GALIZA
Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 630 775 820 | Publicidade: 692 060 607 | info@novasgz.com

JOSINHO DO TREZE, TABERNEIRO

“Queremos ser como as tabernas das aldeias, que servem para todo”

C.C.V. / ‘O Treze’ é um bar bem conhecido em Compostela. Aparecem nos cartazes de “todo o que se move” e dam carinho ao bairro e fauna dos movimentos. Às vezes até tomam a iniciativa, como na publicaçom de livros tabernários. Falamos da hotelaria em Compostela com Josinho, o carnotês que lhe dá espírito de taberna ao ‘13’.

Diferencias a profissom de taberneiro da de camareiro

Para ser camareiro primeiro tés que ser taberneiro. Para carrejar pratos, servir nos casamentos... serve qualquer. O bom é saber estar com a gente. Os taberneiros tenhem que dar o seu carácter a um local. O camareiro nom sabe fazer isso. Dedicam-se a fazer cafés, a pôr copas, nunca a estar com a gente e falar com ela.

Poucas tabernas ficam em Compostela, nom é?

Já nom há tabernas. As que havia estám fechando ou estám baixo mínimos. O Franco reformou-se, todo o que havia na zona velha perdeu-se, e estám abrindo locais que nom som do meu estilo... Há gente que tratou de inovar: *cocktails*, carta minimalista... Mas do que se trata é de um bom produto e bom trato, é o que quer a gente. Ser um pouco como as tabernas das aldeias, que valiam para todo, fazer também de psicólogo e confessor se fai falta. É bonito que se mantenha. Fazer mais que pôr cafés, nom cansa tanto. Temos clientela de todo tipo; se os tratas bem, e levas as tuas ideias com normalidade, nom há problema. Algum perguntache por se “está em português”, mas nom me preocupa.

Fala-nos dos teus começos, e de como é trabalhar na hotelaria

Mais ou menos como todos. Acabas de estudar em Carnota, vés a Santiago, e que estudas? Hotelaria, que é onde se come bem (risos). Trabalhei de camareiro e mais tarde pugem a taberna. Quando trabalhava de camareiro, com os companheiros e os chefes falavas sempre em galego, dentro da cozinha, mas era passar ao comedor e ter que falar espanhol. Dei-lhe mais hóstias ao dicionário! Porque eu nunca falara espanhol. Os de aqui nom te entendiam, e os de fora tampouco... A hotelaria em geral está mui mal. Eu cobrava o mesmo com 17 anos que com 25, e tendo cada vez mais horas, mais responsabilidades. Conheço casos de gente que trabalha só pola habitaçom, comida, roupa, e algo que lhe dam para gastos. É escravidom. Agora trabalho de autónomo, que é o que fai qualquer Estado para ter escravos: nom tés direito a nada, nem a ter umha baixa...

“O Treze” é mais que umha taberna. Fala-nos da “obra social”.

Colaboramos com todo o que podemos, sempre que sejam simpáticos, claro (risos). O de publicar livros ocorreu-se-nos um Natal, com o Carlos Santiago. Oferecim-lhe um caderno, e estava todo o dia escrevendo, escrevendo... E como sempre somos os dous últimos em sair da taberna, um dia quando estava a passar a vassoira, pedim-lhe que me lera o que escrevia. Gostei, e pensei primeiro em editá-lo e oferece-lo como presente de Natal, como publicidade. Mas era mui caro, e optamos por fazê-lo mais a sério. Tiramos primeiro 500 exemplares e vendemo-los em duas semanas! Depois tiramos outros 200, e igual. Só custa 3 euros, mas nom tem copyright e pode-se descarregar na Internet. Com o dinheiro de cada livro financiamos o seguinte. Levamos três livros mais, e temos um par deles mui bons em mente. Agora estamos a pensar em gravar umha curta.

Participas de um projeto do independentismo no ámbito municipal. Como vés a política municipal em Santiago?

Fatal. Quando me vinhérom há um par de meses com este projeto -a Candidatura do Povo- nom me atrevim a entrar de cabeça. No bar há todo tipo de clientes, de esquerdas, de direita, e por se havia más caras... Ao princípio era complicado. Depois dixem, “e em quem votas?”, em Conde Roa?, em Bugalho? em Rubén Cela? Para votar em alguém voto em mim próprio, estes nom o merecem. Nom me representam, simplesmente. Tenta-se que este projeto seja de gente relacionada com as associaçons vizinhais. É complicado, a gente tem medo de ficar marcada. As associaçons vizinhais dependem do Concelho para todo. Há gente que está de acordo, e o voto é secreto e podem-te apoiar, mas que apareça o teu nome ou a tua cara num sítio pequeno como Santiago... A ideia é aguentar a longo prazo. É umha pequena prática para saber que é o que podemos chegar a fazer. O que está claro é que nom queremos outros 30 anos escolhendo entre o PP ou o bipartido PSOE-BNG. Quero pensar que nom vai ser assim, porque entom é melhor pegar nas malas e ir embora.

E que tal a vida de bairro desde que abriu o Pichel?

Eu levo aqui uns quinze anos vivendo, e até que abriu a Gentalha, nom fazia vida aqui. Vivia aqui, mas nom se fazia vida aqui. Eu falava-me com dous ou três vizinhos, agora polo menos conhecemo-nos todos, falamos, participamos na festa da Rua de Baixo que se recuperou, etc.

Xan Carlos Ánsia

DE MARTA HARNECKER A ROSALIA DE CASTRO

Los conceptos elementales del materialismo histórico de Marta Harnecker. Editado em México. Foi o livro que me deu para ler o meu responsável de célula. Era maio do ano 78. Tinha 16 anos e nunca antes lera nada sobre teoria marxista. *“Companheiro no próximo encontro vamos falar sobre estes temas e seria bom que o estudasses a fundo”.* Comprei um marcador vermelho e comecei a sublinhar e fazer esquemas sobre a manufatura, o conceito de luita de classes e as relaçons entre infra e super estrutura. Quando chegou o ponto da ordem do dia, nom pudemos tratar o tema, foi substituído por outro sobre a política da URSS em Eritreia, em base a um artigo do Terra e Tempo. Nunca voltou figurar o ponto na Ordem do Dia, nem tam sequer como vários.

Passárom os anos e aqueles rapazes que sabiam que nom toda política de massas é umha política revolucionária, virom chegar ao poder os seus camaradas de organizaçom. Os teóricos do marxismo e do materialismo dialético deixárom de ser referências a estudar e ter em conta. Ainda que fossem galegos e estivessem vivos. Nos tempos de bipartido passou-se a citar Espartaco e a seguir a linha programática marcada por comentaristas de escassos segundos e menos luzes. Mesmo chegou a circular um vídeo do filme de Kubric como arma eleitoral e de empatia com o candidato a presidir a Junta. O desastre das autonómicas converteu aqueles remendos fílmicos num monólogo das ultra-noites da Nasa.

Chegamos agora aos tempos da Virgem Maria do nacionalismo institucional. Baixa dos céus outra vez Rosalia de Castro. Tocam ladainhas à Nossa Senhora. Salves e oraçons percorrem associaçons culturais, concelharias de festejos e fundaçons amigas. O nacionalismo consagra-se por inteiro a venerar a Mae Santa segundo ditam os sumos sacerdotes. Vai ser possível que a Virgem Rosalia se lhe apareça a três rapazes da UMG na carvalheira de Sam Lourenço, no fim do Festigal. Os três mistérios revelados já os sabemos hoje: A gaita galega nom canta que chora, os castelhanos tratam mal os galegos e nas municipais vamos continuar sem ter um concelheiro nacionalista na Banha, em Boqueixom ou em Carvalheda de Valdeorras. Daquela fará falta algum santo mais milagreiro e que conte com a bênçom de todas as tribos da estrela vermelha.